

Humanização

Corpo, Alma e Paixões

Claudia Murta / Justino Mameri Filho



Universidade Federal do Espírito Santo
Secretaria de Ensino a Distância

Dimensões da Humanização
Aperfeiçoamento

A necessidade de se tratar o tema da humanização no contexto de saúde apresenta-se devido à grande dificuldade de acesso ao que é da ordem humana no campo da saúde. Em muitos serviços de saúde, o modelo assistencial seguido é marcado por um modelo tecnocrático no qual a relação médico-paciente apresenta-se alienada e hierarquizada – o paciente não passa de um objeto. Objetamos a uma visão tecnocrática de um corpo separado, como objeto pertencente a um sujeito. Obviamente essa visão mecanicista do paciente reduz as possibilidades terapêuticas desejadas pela boa prática médica, uma vez que não leva em conta que toda enfermidade perpassa a subjetividade, a fala, a história e o desejo desse paciente. Neste módulo estudaremos as condições históricas geradoras da desumanização que afeta o campo da saúde, assim como a necessidade de retomada de condições de pensamento que possam permitir o entendimento da noção de humanização.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria de Ensino a Distância

Humanização

Corpo, Alma e Paixões

Claudia Murta
Justino Mameri Filho

Vitória
2015

Presidente da República

Dilma Rousseff

Ministro da Educação

Renato Janine Ribeiro

**Diretoria de Educação a Distância
DED/CAPES/MEC**

Jean Marc Georges Mutzig

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO****Reitor**

Reinaldo Centoducatte

Secretária de Ensino a Distância – SEAD

Maria José Campos Rodrigues

Diretor Acadêmico – SEAD

Júlio Francelino Ferreira Filho

Coordenadora UAB da UFES

Teresa Cristina Janes Carneiro

**Diretor do Centro de Ciências
Humanas e Naturais (CCHN)**

Renato Rodrigues Neto

**Coordenadora do Curso de
Aperfeiçoamento em Dimensões
da Humanização – EAD/UFES**

Claudia Murta

Revisor de Conteúdo

Arthur Octávio de Melo Araújo

Revisor de Linguagem

Regina Egito

Design Gráfico

Laboratório de Design Instrucional – SEAD

SEAD

Av. Fernando Ferrari, nº 514

CEP 29075-910, Goiabeiras

Vitória – ES

(27) 4009-2208

Laboratório de Design Instrucional (LDI)**Gerência**

Coordenação:

Letícia Pedruzzi Fonseca

Equipe:

Verônica Salvador Vieira

Diagramação

Coordenação:

Heliana Pacheco

Equipe:

Weberh Freitas

Ilustração

Coordenação:

Priscilla Garone

Equipe:

Lidiane Cordeiro

Lucas Toscano

André Wandenkolken

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

M984h Murta, Claudia.
Humanização : corpo, alma e paixões / Cláudia Murta ; colaborador, Justino Mameri Filho. - Vitória : Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2009.
84 p. : il.

ISBN: 978-85-89858-68-7
Reimpressão, 2015.

1. Humanização na saúde. 2. Corpo e alma (Filosofia). I. Mameri Filho, Justino. II. Título.

CDU: 614.253

Copyright © 2015. Todos os direitos desta edição estão reservados à SEAD. Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Secretária de Ensino a Distância da SEAD – UFES.

A reprodução de imagens nesta obra tem caráter pedagógico e científico, amparada pelos limites do direito de autor, de acordo com a lei nº 9.610/1998, art. 46, III (citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra). Toda reprodução foi realizada com amparo legal do regime geral de direito de autor no Brasil.

De resto, a alma pode ter seus prazeres à parte. Mas quanto aos que lhe são comuns com o corpo, dependem inteiramente das paixões, de forma que os homens que elas mais podem emocionar são capazes de desfrutar de mais doçura nesta vida. É verdade que também podem encontrar mais amargura, quando não sabem empregá-las bem e quando o acaso lhes é adverso.

René Decartes
As Paixões da Alma



Sumário

Apresentação 26

Claudia Murta

A Humanização e a mecanização dos corpos 26

Orientação de estudos 26

Uma nova visão de mundo? 26

O anticartesianismo 26

Qual a relação entre o pensamento de Descartes
e o mecanicismo? 26

O homem-máquina 26

O homem-máquina ocidental 26

A reação vitalista 26

Pós-modernidade 26

O século XX 26

O projeto moderno foi ruim? E, sem ele, o que resta? 26

E a humanização, como se traduz nesse contexto? 26

Claudia Murta

Corpo, alma e paixões 26

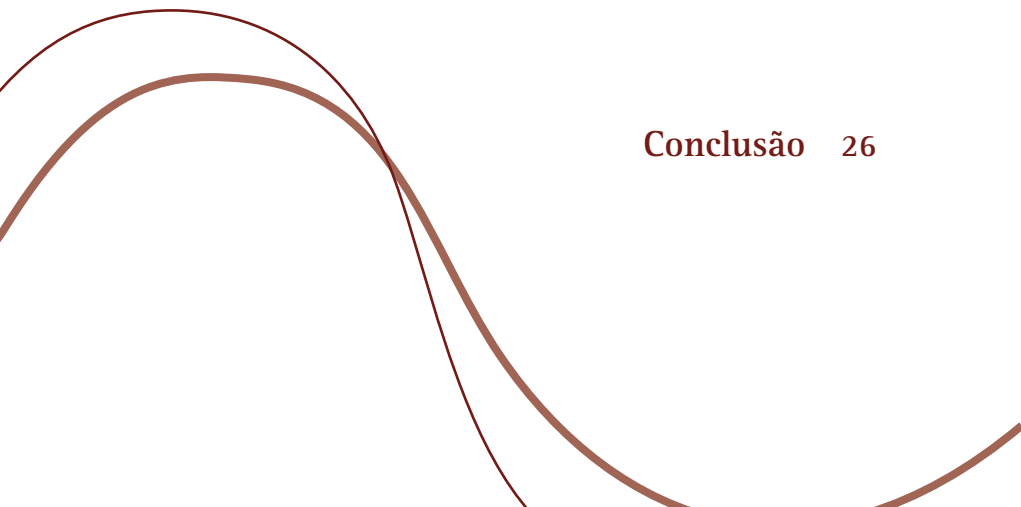
- A humanização de corpo e alma 26
- Orientação de estudos 26
- Corpo e alma 26
- A filosofia mecanicista 26
- A natureza composta do ser humano 26
- A moral das paixões 26
- A tristeza da princesa Elisabeth 26
- A moral provisória 26
- A paixão como percepção 26
- A paixão como pensamento 26
- A emoção como um problema moral 26
- Paixões ou afetos 26
- A perversão do pensamento cartesiano 26
- O afetos e o gozo 26

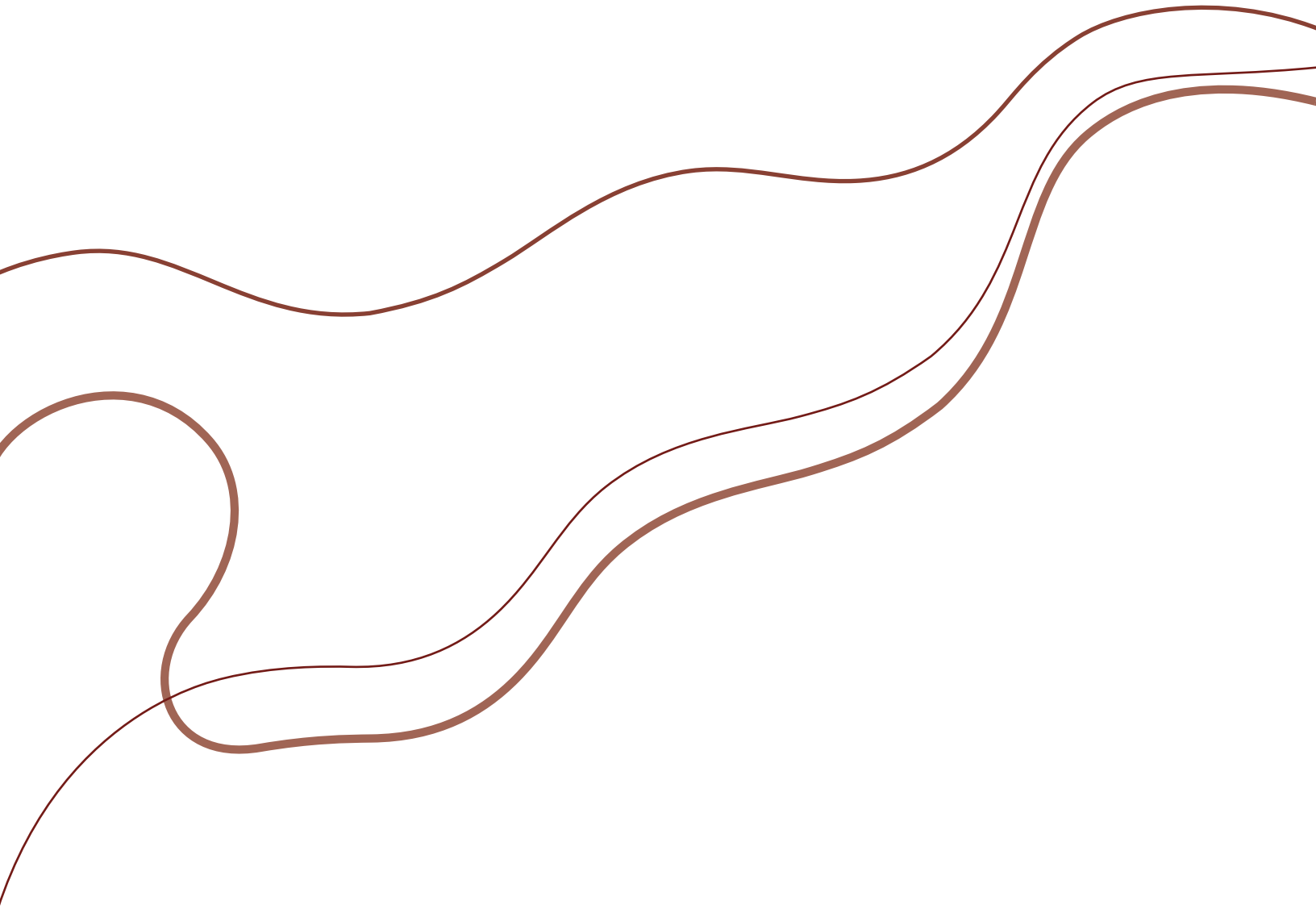
Justino Mameri Filho

Paixões e hormônios 26

- Mas de que modo a paixão reflete no organismo humano? 26
- Orientação de estudos 26
- Os hormônios e a mulher 26
 - A hipófise e o sistema nervoso central 26
 - Como se dá então o processo reprodutivo? 26
 - Hormoniologia no puerpério 26
 - Alguns casos clínicos para análise 26

Conclusão 26





Apresentação

A necessidade de se tratar o tema da humanização no contexto de saúde apresenta-se devido à grande dificuldade de acesso ao que é da ordem humana no campo da saúde. Em muitos serviços de saúde, o modelo assistencial seguido é marcado por um modelo tecnocrático no qual a relação médico-paciente apresenta-se alienada e hierarquizada – o paciente não passa de um objeto. Objetamos a uma visão tecnocrática de um corpo separado, como objeto pertencente a um sujeito. Obviamente essa visão mecanicista do paciente reduz as possibilidades terapêuticas desejadas pela boa prática médica, uma vez que não leva em conta que toda enfermidade perpassa a subjetividade, a fala, a história e o desejo desse paciente. Neste módulo estudaremos as condições históricas geradoras da desumanização que afeta o campo da saúde, assim como a necessidade de retomada de condições de pensamento que possam permitir o entendimento da noção de humanização.

No âmbito histórico, nossa proposta abrange a desumanização do cosmos fomentada pelos gregos, comparando a mudança de perspectiva, que considera o mundo fechado, para uma visão do universo como infinito. Qual é a concepção de homem diante do mundo e do universo tornado infinito? O primeiro ponto de apoio diante do universo acêntrico e infinito, apontado por Alexandre Koyré, reside na contribuição de René Descartes, para quem o pensamento surge do infinito, que ele chama de Deus, e se manifesta no sujeito. Esse sujeito não é o homem, mas, sim, a parte do homem que tem condição de pensar. Segundo Descartes, a outra parte do homem que não pensa é o corpo, comparável a uma máquina manipulada pelo sujeito que pensa. Na distinção entre corpo e alma, se inclui o universo infinito. Da idéia de que o corpo é uma máquina, à idéia de que o homem é uma máquina, apropriada pela ciência mecanicista, foi um pequeno passo.

A compreensão da realidade natural como mecanismo de mecanismos toma contornos no século XVII com o pensamento de Galileu Galilei, ao retomar a tradição fisicalista do grego Demócrito de Abdera. A partir da concepção de mundo como máquina, ganhou fundamento a idéia de que o ser humano também poderia ser pensado enquanto máquina já no século XVIII. Preconizada pelo pensamento do médico materialista Julien de La Mettrie, em sua obra “O homem máquina”, a concepção de homem-máquina coloca na phisis o todo da realidade humana, e baseia-se, portanto, na mônada corpo. O mecanicismo moderno influenciou a ação dos diversos segmentos de vida na sociedade ocidental, sobretudo as ciências naturais e, especificamente, a medicina.

Não é de hoje que são construídas as críticas ao mecanicismo, pois, de fato, seus princípios estão enraizados na estrutura subjetiva que perpassa o fazer cotidiano do ocidente. Todavia, sua exacerbação constitui o quadro da chamada crise da ciência moderna, tema de amplo e polêmico debate no meio acadêmico. E a compreensão que afirma a existência de tal crise não é, também, ponto pacífico entre os debatedores. Mas, notadamente, algo não vai bem com o ocidente; fala-se de inúmeras crises: de paradigmas, social, política, econômica. Contudo, interessa-nos, aqui, pensar os sinais desta crise no sistema de saúde pública. A problemática que atravessa o sistema de atenção à saúde configura-se como


consequência última da ampla difusão da concepção de ser humano apregoada pelo mecanicismo.

Para apresentar o tema da humanização sob essa perspectiva, desenvolvemos três módulos didáticos. Pretendemos, com esse formato, que o aluno perceba que o tema do corpo e o tema da alma, unidos pelo tema da paixão, estão no âmago do conceito de humanização.

- ◆ No primeiro módulo, apresentamos uma discussão sobre o tema da humanização no campo da saúde.
- ◆ No segundo módulo, descrevemos a distinção entre corpo e alma elaborada por René Descartes e a sua união a partir das paixões.
- ◆ No terceiro módulo, analisamos as implicações da distinção e da reunião entre corpo e alma efetuada pelas paixões no campo da saúde da mulher.

Os primeiros passos para a aproximação com o tema a ser abordado na disciplina devem ser a leitura do programa juntamente com o estudo do mapa de atividades, ambos disponibilizados na plataforma moodle.

Claudia Murta



A humanização e a mecanização dos corpos

TODO momento de crise faz emergirem teorias alternativas e soluções para os problemas enfrentados. No caso da saúde pública não foi diferente e um dos questionamentos mais significativos diz respeito ao entendimento do conceito de humanização, inaugurado pelos setores da saúde mental. O termo ‘humanização’ vem sendo largamente utilizado e, nos últimos anos, foi incorporado pelo Ministério da Saúde à Política Nacional de Humanização, conhecida como Humaniza SUS.

Boa parte do discurso sobre a humanização assenta-se em propostas de modificação das práticas médico-hospitalares e na melhoria da assistência à saúde. De acordo com a visão oficial, os princípios e diretrizes da humanização baseiam-se no diálogo, na autonomia e no protagonismo dos indivíduos como forma de assegurar a melhoria da gestão e da prestação de serviço do Sistema Único de Saúde. Na verdade, o conceito de humanização centra-se num modelo de gestão que propicie maior eficiência e economia nos serviços prestados. O título do texto básico da Política Nacional de Humanização - “A Humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS” é revelador da concepção de humanização que norteia sua teoria administrativa. No corpo do documento, afirma-se: “Humanizar é, então, ofertar atendimento de qualidade articulando os avanços tecnológicos com acolhimento, com melhoria dos ambientes de cuidado e das condições de trabalho dos profissionais” (Ministério da Saúde, 2004:6).

Essa visão de humanização é insuficiente para a promoção de mudanças sérias na concepção de saúde, uma vez que não rompe com os ditames do mecanicismo; na verdade, é apenas uma continuação das apreensões reducionistas do ser humano.

O que está proposto, portanto, é a humanização das práticas, do ambiente de trabalho, do serviço público. Essa assistência dita

humanizada é ainda carente de sentidos, pois a partir do momento em que não remodela a concepção de ser humano, engendra práticas que darão conta de atender somente as demandas de um ser humano reduzido ao seu corpo-máquina.

Antes de pensar em humanizar atitudes, deve-se pensar no conceito de humanização e no conceito de ser humano.

“ A necessidade de humanizar o ser humano indica que o ser humano perdeu a sua humanidade.

– Como o ser humano perdeu a sua humanidade? ”

O termo “humano”, diz respeito a “humanidade” e a tudo o que faz parte do “homem”. Ou seja, “humanidade” diz respeito a tudo que o “homem” conhece através de sua forma mais própria de conhecer, quer dizer, através da linguagem verbal articulada, uma característica exclusivamente humana. Então, a partir do momento em que se constata a permanência, desde sempre, do elemento linguagem no homem, seria o mesmo que dizer: desde que o homem é homem, ele também é humano, e toda e qualquer compreensão de mundo realizada pelo homem é, de fato, uma ação humana. Nesse sentido, pode-se afirmar que toda ação praticada pelo homem é humana, mesmo não sendo racional.

Em incontáveis momentos da vida, percebe-se o homem agindo de um modo desprovido de razão. Essa ausência da razão poderia transformá-lo, então, no momento de deslize, em animal irracional? Evidentemente que não, pois razão e não-razão são características igualmente humanas. O homem imbuído de cólera possui a compreensão da linguagem; nesse caso, a linguagem em sintonia com a cólera. Logo, sua ação parte de uma disposição colérica contra algo ou contra alguém. Ele, praticante da razão, tem a compreensão disso. Sendo assim, não há o animal racional, há o animal dotado de linguagem, que é homem.

Ainda pela razão, pelo método, podem-se praticar barbáries.

A morte sistematizada de judeus feita pelos nazistas é um trágico exemplo. Não sendo de outra forma, o homem age humanamente, tanto na construção de algo que traga benefícios

para a humanidade, quanto na elaboração de algo extremamente maléfico; em ambos os casos, trata-se de ações humanas.

“ Se a própria barbárie pode ser humana,
então o que poderia ser a desumanização? ”

Ora, “desumanização” seria o termo “humano” anteposto pelo prefixo “des” e posposto pelo sufixo “ação”. O prefixo “des” tem uma ênfase depreciativa, que chega até a suprimir, eliminar o sentido do termo ao qual precede. Por essa ótica, “desumanização” seria uma “ação” de destruição do que há de “humano” no homem.

Mas uma ação promovida por quem? Por homens, jamais! Por não-humanos? Impossível, pois toda ação dotada de compreensão através da linguagem é ação humana.

A “ausência” de humanidade no homem é destacada e exacerbada em nossa contemporaneidade. A reação contemporânea contra a modernidade se funda na crítica à ciência, que é culpada de tornar o mundo objeto de análise do sujeito homem. Trataremos de delimitar as críticas contemporâneas à desumanização. Essa desumanização aparece basicamente com dois sentidos, que nos convém separar analiticamente. Por um lado, afirma-se que a ciência teria se desumanizado por ter excluído da sua preocupação as consequências éticas e políticas da aplicação dos conhecimentos e pesquisas gerados no seu âmbito. Desumanização significa, nesse contexto, esquecimento de valores humanos como a vida das populações, a saúde, o bem-estar, a ecologia, etc.

A primeira crítica remete à questão da responsabilidade social do intelectual enquanto produtor de um conhecimento que traz consequências para a vida das pessoas. Remete também a um modo de conceber a atividade científica como separada e, inclusive, oposta à vida. A ciência como um valor em si mesmo, independente de opções valorativas do pesquisador. É a ciência como uma ferramenta dos poderes políticos e econômicos na sociedade.

A segunda crítica remete mais ao terreno propriamente científico, e não tanto às consequências sociais da aplicação do

conhecimento. Todo trabalho científico supõe um recorte mais ou menos arbitrário na infinitude do real, que é transformado em objeto de conhecimento. Esse recorte é feito em função de idéias de valor. Esta concepção do conhecimento científico assentado em valores compartilhados gera uma imagem do homem fragmentado, que oferece fundamento para a crítica da desumanização.

Algumas das alternativas da contemporaneidade diante de tal desumanização mostram-se através da proposta de uma transformação da ciência, tendo por intento um renovar da concepção das relações dos homens com a natureza. Consequências provenientes dos frutos trazidos por uma ciência que mais faz, e fez, o homem

*que zomba dos outros,
Você que é sem nome,
e agora, José?
a noite esfriou,
o povo sumiu,
a luz apagou,
A festa acabou,
E agora, José?*

*que ama, protesta?
e agora, José?
Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?*

*E agora, José?
sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio, _ e agora?*

Minas não há mais.

*mas o mar secou;
quer ir para Minas,*

*quer morrer no mar,
não existe porta;*

quer abrir a porta,

Com a chave na mão



temer e tremer, mas não alcança em si a humanidade desse homem que se reprime, quando muito, atendendo tão somente às necessidades imediatas desse “indivíduo” ausente de sua “humanidade”.

O homem está em crise. Vivemos uma crise. Caminhamos para a decadência do homem moderno. Mas, quais as razões para esse precipício? Qual o fundamento desse desencanto? Quais as respostas para a questão da crise do homem? Qual o fim disso tudo?

Carlos Drummond de Andrade retrata seu desencanto com a vida e a falta de perspectiva do homem, no que chegou a considerar “a verdadeira poesia como aquela que expressa as angústias da alma humana diante do seu destino”.

José, e agora?

*Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse,
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José!*

*Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja do galope,
você marcha, José!
José, para onde?*

Orientação de estudos

Planejamento

Devemos lembrar que este módulo tem a carga horária de 10 horas, no conjunto de uma disciplina de 30 horas/aula. Nas primeiras horas de trabalho, o aluno deverá ler a apresentação da disciplina e a introdução do módulo, a fim de perceber os objetivos a serem atingidos:

- Analisar a implicação do tema da desumanização com o tema do mecanicismo;
- Examinar as relações entre mecanicismo e cartesianismo incluindo as suas aproximações e as suas diferenciações;
- Perceber as influências éticas no tema da humanização.

Para atingir os objetivos propostos, o estudante deverá, além de proceder à leitura do módulo didático, ter acesso à literatura fundamental para o acompanhamento do módulo. Nossa sugestão de leitura nesse contexto é o texto “Humaniza sus”, do Ministério da Saúde; o texto de debate intitulado “Análise do discurso oficial sobre a humanização da assistência hospitalar”, de Suely Deslandes, da Fiocruz; e o texto “Ética”, do filósofo Alain Badiou. Essas leituras devem ser acompanhadas dos elementos de reflexão oferecidos no desenvolvimento do módulo.

Após a realização dessa reflexão, solicitamos a participação de todos no Fórum sobre o tema **Humanização e Mecanicismo**, explicitado no campo de atividades do módulo.

Uma nova visão de mundo?

Inúmeras realizações voltadas para o ramo científico apontam claramente para o que vai conduzir a nova ordem vigente daí em diante. Para o homem parece não haver mais limites impostos pela natureza, diante da quantidade de conhecimentos adquirida e das descobertas e invenções produzidas em tão pouco tempo; o que, sem bastar-se, e muito ao contrário, incentivava a procura cada vez maior por conhecimento e mais descobertas científicas.

A possibilidade do modelo mecanicista, que acabou por alcançar as diversas áreas de conhecimento de nosso tempo, segundo os filósofos, George Canguilhem e Paul-Laurent Assoun, é uma atitude do homem ocidental. Nesta acepção, “ocidental” é o homem-máquina – contrariamente à descrição de corpo como uma máquina feita por Descartes – a corroboração exemplar dessa visão de “época”.

A consequência desse tipo de pensar e viver a realidade do “homem ocidental” é aquela que o reduz em seu próprio fazer-se, ou seja, construir-se máquina. O que confirma um monismo radical acreditando ao extremo na força da técnica sobre a vida. Tal idéia vem em muito se distanciar da então proposta por Descartes, que pensa o animal-máquina ser consequência do dualismo alma-corpo, “servindo para garantir ao homem seu privilégio metafísico, que consiste no pensamento e que engaja também a imortalidade de sua alma”.

Se o sujeito pensa, também questiona, duvida e busca algo que está fora, que está além de si, algo que permanece incognoscível e que ele mesmo não origina: a própria vida.

O anticartesianismo

Contudo, o grande culpado dos problemas apresentados pelo desenvolvimento moderno passa a ser René Descartes. Em seu livro “O ponto de mutação”, Fritjof Capra discute a idéia segundo a qual o pensamento de Descartes deu ao pensamento científico sua estrutura geral – a concepção de natureza como máquina perfeita, governada por leis matemáticas exatas. Para ele, toda a elaboração da ciência nos séculos XVII, XVIII e XIX, incluindo o pensamento de Newton, foi um desenvolvimento da idéia cartesiana. Mesmo que o próprio Descartes, partindo de sua proposição metafísica, não tenha sido tão mecanicista, sua proposição de corpo como uma máquina implica o mecanicismo. Segundo Capra,

Descartes criou a estrutura conceitual para a ciência do século XVII, mas sua concepção da natureza como máquina perfeita, governada por leis matemáticas exatas, permaneceu como simples visão durante sua vida. Ele não pôde fazer mais do que esboçar as linhas gerais de sua teoria dos fenômenos naturais. O homem que deu realidade ao sonho cartesiano e completou a revolução científica foi Isaac Newton, nascido na Inglaterra em 1642, ano de morte de Galileu. Newton desenvolveu uma completa formulação matemática da concepção mecanicista da natureza e, portanto, realizou uma

grandiosa síntese das obras de Copérnico e Kepler, Bacon, Galileu e Descartes. A física newtoniana, a realização culminante da ciência seiscentista, forneceu uma consistente teoria matemática do mundo, que permaneceu como sólido alicerce do pensamento até boa parte do século xx. A apreensão matemática de Newton era bem mais poderosa do que a de seus contemporâneos. Ele criou um método completamente novo – hoje conhecido como cálculo diferencial – para descrever o movimento de corpos sólidos, um método que foi muito além das técnicas matemáticas de Galileu e Descartes¹.

¹CAPRA, F. O ponto de mutação. São Paulo: Cultrix, 1982. p.58

“ O universo newtoniano era, de fato, um gigantesco sistema mecânico que funcionava de acordo com as leis matemáticas exatas. No contexto que estudamos, o ponto de mutação entre a física e a matemática, que marca a ciência moderna, gera como consequência o mecanicismo. O modelo mecanicista se expande para disciplinas como a química, a biologia, a medicina, a psicologia e as ciências sociais, tornando-se uma estrutura muito mais complexa e sutil. Podemos pensar, como o faz Capra, que o mecanicismo é uma consequência do pensamento de Descartes, ou não? ”

Qual é a relação entre o pensamento de Descartes e o mecanicismo?

[...] quão diversos autômatos, ou máquinas móveis, a indústria dos homens pode produzir, sem empregar nisso senão pouquíssimas peças, em comparação à grande multidão de ossos, músculos, nervos, artérias, veias e todas as outras partes existentes no corpo de cada animal, considerará esse corpo como uma máquina que, tendo sido feita pelas mãos de Deus, é incomparavelmente melhor ordenada e contém movimentos mais admiráveis do que qualquer das que possam ser inventadas pelos homens².

²DESCARTES, R. O
Discurso do Método.
São Paulo: Abril
Cultural, 1979. p.60.

Descartes propõe o corpo como uma máquina em justificativa ao fato de distinguir o corpo da alma e considerar esta última como de natureza inteiramente independente do corpo. Para Descartes, não existe alma vegetativa no corpo e, portanto, este último é uma máquina.



Para refletir

É a idéia de corpo como uma máquina que faz com que o pensamento de Descartes seja qualificado como mecanicista?

O homem-máquina

No século XVIII, Julien de La Mettrie escreve o polêmico livro intitulado “O homem-máquina”. Se Descartes propõe o corpo como uma máquina, La Mettrie conclui que o homem é uma máquina. Em suas palavras:

Eu creio que Descartes é um homem respeitável em todos os sentidos. .../... É verdade que este célebre filósofo enganou-se bastante, e ninguém discorda. Mas enfim, ele conheceu a natureza animal; ele foi o primeiro

*a demonstrar perfeitamente que os animais eram puras máquinas. Ora, depois de uma descoberta dessa importância e que supõe tanta sagacidade, o melhor, sem ingratidão, é não prestar atenção em todos os seus erros!*³

³LA METTRIE, J.O.
L'homme-machine.
Paris: Folio, 1981.
p.206.

Há toda uma discussão sobre o materialismo de La Mettrie, se ele é decorrente do pensamento de Descartes ou não. Ao acompanharmos o movimento do pensamento no século XVIII, podemos perceber que, naquele século, a filosofia não tem como fundamento a ciência matemática, como para Descartes. A base científica da filosofia no quadro teórico do século XVIII está voltada para as ciências naturais.

Encontramos no texto de Araújo referências para o encaminhamento dessa discussão:

A superação do dualismo cartesiano mente-corpo, considerados ambos duas entidades distintas entre si, assume um programa ambicioso para a filosofia no Século XVIII. Assim como ocorria no âmbito das ciências físicas, os filósofos, assim como os “filósofos modernos”, entendam-se “filósofos naturais” ou “cientistas” (Yolton, 1991, p. 138), propõem a investigação da mente, a partir de um ponto de vista radicalmente oposto ao cartesianismo, que segue a orientação do método experimental e a observação empírica – os fenômenos mentais passam a ser entendidos como fenômenos naturais. Desloca-se o eixo de investigação da mente de seu domínio a priori ou racional para o domínio empírico ou natural. A mente passa a ser entendida como uma instância natural, e não mais uma entidade distinta e separada, igualmente situada entre outras instâncias na natureza. O dualismo cartesiano, conseqüentemente, perde seu vigor como perspectiva filosófica⁴.

⁴ARAÚJO, O. M.

Assim, diante dessas considerações, podemos compreender que o materialismo de La Mettrie, mesmo que seja derivado da proposta cartesiana, distingue-se fundamentalmente desta em seus princípios filosóficos.

⁵ Segundo Araújo, A. O. M., "Considero ser um modelo biológico contrastante com o modelo da física newtoniana corrente no Século XVIII. Esse modelo biológico parece envolver características de ordem qualitativa contrastante com o modelo mecanicista que visa aspectos estritamente quantitativos nos fenômenos naturais".

Para Paul-Laurent Assoun, na apresentação do texto de La Mettrie, o mecanicismo deste encontra sua fonte na fisiologia. Desse modo, o materialismo de La Mettrie não se apresenta com referências eminentemente quantitativas, suas referências são qualitativas⁵. Discorrendo sobre o mecanicismo em "Conhecimento da vida", George Canguilhem considera que, além de uma questão de época, trata-se

de uma atitude típica do homem ocidental. A mecanização da vida, do ponto de vista teórico, e a utilização técnica do animal são inseparáveis. O homem só pode se tornar mestre e possuidor da natureza se ele nega toda finalidade natural e se pode manter toda a natureza, compreendendo a natureza aparentemente animada, fora de si mesmo, por um meio⁶.

O homem-máquina ocidental

⁶CANGUILHEM, G. La Connaissance de la Vie. Paris: Vrin, 1965. p.110.

Segundo George Canguilhem, o que Descartes fez para o animal, Aristóteles tinha feito pelo escravo, que considerava sem alma. Assim, no seu entender, a questão do mecanicismo não está atrelada especificamente ao pensamento de Descartes, ela é ocidental. A grande diferença entre Descartes e La Mettrie é que, para Descartes, a causa do movimento do autômato é Deus, pois é a alma, distinta do corpo e participante de uma relação com o divino, que comanda a máquina; já para La Mettrie...

Eu quero falar desse princípio incitante e impetuoso que Hipócrates chama a alma. Esse princípio existe, e tem seu lugar no cérebro na origem dos nervos, para os quais ele exerce seu império sobre todo o resto do corpo. Assim se explica tudo o que se pode explicar, até os efeitos surpreendentes das doenças da imaginação⁷.

⁷LA METTRIE, 1981. p.194.

A finalidade do homem-máquina está na própria máquina e isso confirma um monismo radical de La Mettrie; enquanto para Descartes a tese do animal-máquina é a consequência do dualismo da alma e do corpo e serve para garantir ao homem seu privilégio metafísico, que consiste no pensamento, e que engaja também a imortalidade de sua alma.

Descartes		Julien de La Mettrie
O corpo é uma máquina	X	O homem é uma máquina
Dualismo - corpo e alma		Monismo - alma material
Dualismo metafísico		Monismo materialista

As reflexões em torno do mecanicismo compreendem-no tanto como uma tipicidade do pensamento ocidental, quanto oriundo de uma deliberada incompreensão metafísica; ou, ainda, como o aliado oportuno da combinatória de transformações, técnicas e simbólicas, cujos efeitos vinculam-se desde a concepção científica. O sujeito moderno posiciona-se no decurso do processo camuflando, deslocando ou duvidando das racionalidades insubmissas ao modelo matemático, tendendo a superar, continuamente, diante do real, a dualidade que o acompanha nas asserções de Deus, corpo e alma.

Julien de La Mettrie, em sua obra “O homem-máquina”, elabora uma tese própria para a sua época. No século XVIII, quando o homem, a fim de justificar seu domínio à natureza, dela se distancia, intuitivamente associa a imagem do homem à de uma máquina, denunciando por viés o espírito de manipulação que o conduz. A proposta de Descartes, que descreve o funcionamento do corpo humano como uma máquina, é, assim, derivada numa afirmação outra, a afirmação de ser o homem uma máquina.



Para refletir

La Mettrie, ao propor seu materialismo, se distanciará do pensamento de Descartes no que diz respeito aos princípios filosóficos. Qual é a discussão de La Mettrie sobre o materialismo e quais são os apontamentos divergentes entre sua obra e o mecanicismo cartesiano?

A reação vitalista

A posição de La Mettrie aparece em um momento no qual se assiste a uma reação importante – o vitalismo. Mais que uma teoria, o vitalismo é uma posição de desconfiança em relação ao poder técnico sobre a vida. Em outras palavras, é a expressão de confiança do vivente na vida, na espontaneidade da vida. A proposta vitalista defende a existência de um princípio vital no homem como causa de todos os fenômenos da vida no corpo humano. Dessa forma, haveria, segundo Canguilhem, uma exigência permanente da vida no vivente. Esse autor ainda considera, comparando o vitalismo com o mecanicismo, que:

Se o vitalismo traduz uma exigência permanente da vida no vivente, o mecanicismo traduz uma atitude permanente do vivente humano diante da vida. O homem é o vivente separado da vida pela ciência tentando retornar à vida através da ciência. Se o vitalismo é vago e informulado como exigência, o mecanicismo é estrito e imperioso como um método⁸.

⁸CANGUILHEM, 1965.

p.86.

Assim, para Canguilhem, o vitalismo se apresenta como uma ilusão de pensamento. Uma característica do vitalismo é a de considerar o universo como um organismo, isto é, um sistema harmonioso regulado segundo leis e fins. O organismo próprio é uma parte organizada do universo, uma espécie de célula do universo organismo; todas as células foram unificadas por uma simpatia interna, de maneira que o destino do organismo parcial

lhes parece naturalmente ligado ao movimento do céu. A proposta vitalista traz alguns elementos que serão retomados em propostas contemporâneas ditas pós-modernas.

Pós-modernidade

A pós-modernidade, como período que sofre as consequências dos construtos teóricos e práticos da modernidade, não consegue diferir muito desta; apresenta-se como uma modernidade de cara nova, mantendo o sujeito no esquecimento. Detém-se o saber e o poder, mas não o porquê da aplicação dos saberes. É possível se fazer um homem novo, mas para quê? É este o referido utilitarismo exacerbado: as coisas são feitas puramente pela sua utilidade, sem que haja uma reflexão a respeito do sujeito nesse contexto. Os objetos são criados e o sujeito não tem mais importância – daí todas as catástrofes e guerras às quais estamos tão acostumados na contemporaneidade. Não há regras para esse pragmatismo desmedido.

Diante disso, presenciamos fatos como a degeneração do homem, que ora vem deixando-se consumir, não mais consumindo, frente aos ditames de uma “Técnica” que mais fome e sede tem de corpos/mentes desumanizados.

O século xx

No livro “O Século”, Alain Badiou reflete sobre a marca do século xx. No seu entender, antes de tudo o século xx tem a marca do triunfo do capitalismo e do mercado mundial. É a vitória da economia em todos os sentidos do termo: o capital, como economia das paixões sem razão. Como se promove, então, esse triunfo do capitalismo e do mercado mundial? Somente mediante a criação de um “homem novo”. A consequência primeira de um projeto tão audacioso como o do “homem novo” só pode culminar, é claro, na produção de um “homem desumanizado”, que tem a força de lançar no seu próprio centro o veneno de sua própria negação.

Projeto Moderno

A partir de certo momento, o século foi dominado pela idéia de mudar o homem, de criar o homem novo.

A criação do homem novo exige que o homem antigo seja destruído.

O projeto é tão radical que não se conta mais, a partir de sua realização, a singularidade das vidas humanas, leva-se em conta apenas o material. Um pouco como, retirados de sua harmonia tonal ou figurativa, os sons e as formas fossem, para os artistas da arte moderna, materiais cuja destinação se deve reformular. Ou como os signos formais destituídos de toda idealização objetiva, projetavam as matemáticas em direção a um acabamento mecanizado. O projeto do homem novo é, nesse sentido, um projeto de ruptura e de fundação que sustenta, na ordem da história e do Estado, a mesma tonalidade subjetiva que as rupturas científicas, artísticas, sexuais do início do século. É então possível sustentar que o século foi fiel ao seu prólogo⁹.

⁹BADIOU, A. Le siècle. Curso do ano universitário de 1999/2000 oferecido no Collège Internationale de Philosophie em Paris.

Seguindo esta análise de Badiou, podemos perceber que no próprio projeto moderno estavam incluídas as causas de sua decadência e rejeição, pois a idéia de mudança no homem, com sua consequente desumanização, inclui na noção de homem a noção de matéria e materialismo, cujas implicações já foram levantadas.



Para refletir

Na pós-modernidade, o homem perde o foco de sua própria existência, ao se corromper diante da sociedade de consumo e de fugacidade que o sistema capitalista impõe. Para Alain Badiou, isto só foi possível a partir da consolidação de um novo modelo de indivíduo, que ele chamou de “Projeto Novo”. Como se caracteriza o homem pós-moderno, neste contexto? O que Badiou queria propor com o termo “projeto novo”? Quais foram as consequências desta nova perspectiva?

O projeto moderno foi ruim? E, sem ele, o que resta?

Segundo Badiou, a condenação do projeto moderno coincide com a possibilidade técnica, em último sentido financeira, de mudar a especificidade do homem. Um tipo de mudança que não corresponde a nenhum projeto. Isso acontece, segundo Badiou, no automatismo das coisas.

Nós passamos da ordem do projeto àquela do automatismo do aproveitamento. O projeto terá matado muito. O automatismo também, e ele continuará, mas sem que ninguém possa nomear um responsável. Convenhamos, por razão, que o século xx foi ocasião de vastos crimes. “Acrescentamos que não acabou, pois aos criminosos nomeados sucedem os criminosos anônimos¹⁰”.

¹⁰Id. Frankenstein.
Porto Alegre:
L&PM, 1997.

O filósofo Jorge Alemán encaminha suas reflexões sobre o tema em questão no mesmo sentido de Alain Badiou. Para Alemán, “a imbricação do mercado capitalista com a correspondente expulsão da subjetividade efetuada pela ciência, que finalmente conclui na “Técnica”, realiza um movimento que não respeita nada nem ninguém”.¹¹ Jorge Alemán inclui, em suas considerações, a categoria do respeito. A falta de respeito é, para ele, a falta da distância simbólica que implica o conceito psicanalítico de castração. Para ele, os signos do movimento de desaparecimento do respeito são os procedimentos de homogeneização; o desaparecimento da memória; o declínio da imagem paterna; o aumento do racismo; a globalização. Em suas palavras:

¹¹ALEMÁN LAVIGNE, J. & LARRIERA SANCHES, S. El inconsciente : existencia y diferencia sexual. Síntesis : Madrid, s/d., p. 70.

*Não há religião nem retorno à tradição alguma, nem nenhum projeto de emancipação construído com os elementos típicos da modernidade que possa voltar a reeditar e recompor a distância que se destruiu [...] Não tem nenhum fundamento a restaurar ou a recuperar, nenhum pai que volte a instaurar e impor as insígnias do respeito.*¹²

¹²Ibid. p. 72.

Pela falta dos elementos que possam recuperar a distância perdida, as saídas contemporâneas são as generalizações dos princípios de regulação que possam proporcionar algum consolo. Esses princípios de regulação tentam controlar os efeitos da tecnociência mediante paliativos humanitário- médico-religiosos. Na ordem do pensamento contemporâneo, Alemán vaticina que vai se tornando evidente um movimento que configura e pode ser denominado como “giro religioso”. Esse movimento tem, para esse autor, a marca da pós-modernidade, definida por ele da seguinte forma:

“ Entende-se por pós-modernidade uma dobra moderna, uma torção na modernidade tardia, donde os relatos da modernidade já não podem transformar nem curar a mesma, daquilo que tem desencadeado a Técnica. ”

Tal como afirmam Badiou e Alemán, a contemporaneidade apresenta um discurso frouxo, ou melhor, sem nenhum projeto, a partir do qual as soluções apontadas apresentam-se apenas como paliativos ilusórios e inócuos diante do horror. Neste cenário, a eficácia só se manifesta do lado da técnica a serviço do poderio econômico em favor da Globalização. Em seu livro sobre a ética, Alain Badiou enuncia que, na nossa contemporaneidade, a ética tornou-se nada mais que um discurso piedoso que visa a fazer valer os “direitos do homem”. Em suas palavras:

Que pode então vir a ser esta categoria [discurso piedoso] se pretendemos suprimir, ou mascarar, seu valor religioso, conservando o conjunto abstrato de sua constituição aparente (“reconhecimento do outro”, etc.)? A resposta é clara: escalda gatos. Discurso piedoso sem piedade, suplemento de alma para governos incapazes, sociologia cultural substituída, pelas necessidades do sermão, incendiando a luta de classes. [...] Separada da pregação religiosa que poderia lhe conferir ao menos a amplitude de uma identidade “revelada”, a ideologia ética é apenas a última palavra do conquistador civilizado: “seja como eu, e eu respeitarei a sua diferença”.¹³

¹³BADIOU, A.
L'éthique: essai sur la
conscience du mal.
Paris : Hatier, 1993. p.
24 e 25.

E a humanização, como se traduz nesse contexto?

Em seu texto sobre a “Análise do discurso oficial sobre a humanização da assistência hospitalar”, Suely Deslandes focaliza o discurso oficial sobre o tema da humanização a partir dos principais textos produzidos pelo Ministério da Saúde e tece algumas considerações:

O conceito de humanização ainda carece de uma definição mais clara;

A noção de humanização é geralmente empregada para a forma de assistência que valoriza a qualidade do cuidado do ponto de vista técnico associada ao reconhecimento dos direitos do paciente,

de sua subjetividade e referências culturais, além de valorizar o profissional e o diálogo intra e inter equipes;

A noção de humanização se aplica como oposição à violência e à negação do outro;

A noção de humanização também é vista como ampliação do processo comunicacional;

Os documentos do Ministério da Saúde fazem referências à necessidade de respeitar o outro como ser singular e digno;

Por último, nesta perspectiva, humanizar é garantir à palavra sua dignidade ética.

A autora apresenta ainda uma proposta de um dos autores do manual do programa nacional de humanização da assistência hospitalar, Jaime Betts, que

¹⁴DESLANDES, S.
"Análise do discurso
oficial sobre a
humanização da
assistência hospitalar".
Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232004000100002>
acessado em: JUL/2009.

aponta os modelos sustentados na compaixão, na lógica utilitarista da promoção da maior felicidade para o maior número de pessoas e na tecnociência. Todos seriam desumanizadores. O primeiro por se sustentar numa relação assimétrica entre benfeitor e assistido; o segundo por diluir diferenças; e o último por reduzir o diálogo à busca objetiva de informação.¹⁴

As opiniões de Betts e Badiou convergem para a crítica ao discurso piedoso que a contemporeidade produz na tentativa de lidar com o que é da ordem do humano. E nós, como nos situamos nesse contexto?

LEITURAS RECOMENDADAS

- ALEMAN, J. Jacques Lacan e o debate pós-moderno. Buenos Aires: Ediciones Del Seminario, 2000.
- BADIOU, A. El siglo. Buenos Aires: Manantial, 2005.
- CAPRA, F. O ponto de mutação. São Paulo: Cultrix, 1982.
- DESCARTES, R. O discurso do método. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- _____. Meditações. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- GRANGER, G. G. O irracional. São Paulo: UNESP, 2002.
- _____. A ciência e as ciências. São Paulo: UNESP, 1994.
- JAPIASSU, H. F. A crise da razão e do saber objetivo. São Paulo: Letras & Letras, 1996.
- KOYRE, A. Estudos de história do pensamento científico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

SITES RECOMENDADOS E DISPONÍVEIS EM:

- <<http://www.portalhumaniza.org.br/ph/texto.asp?id=37>> acessado em: JUL/2009
- <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232004000100002> acessado em: JUL/2009
- <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/area.cfm?id_area=1342> acessado em: JUL/2009

AVALIAÇÃO

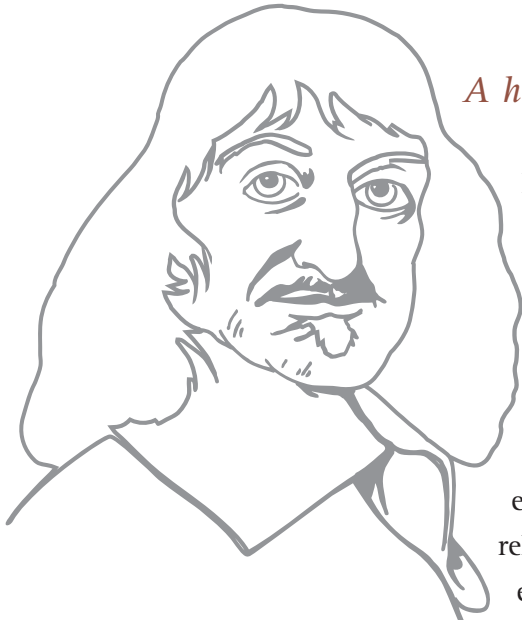
Ficha de leitura do texto de Alain Badiou “A ética”, incluindo uma articulação com os conceitos teóricos abordados no módulo didático.

FÓRUM DE DISCUSSÃO

Humanização e Mecanicismo

Como os discursos na contemporaneidade abrem espaços para que possamos falar em humanização?

Corpo, alma e paixões



A humanização de corpo e alma

Em sua obra “Discurso do Método”, René Descartes opera a separação das substâncias. O procedimento visava elaborar um método de pesquisa a partir do qual construiria suas investigações acerca do conhecimento. Quando formula seu pensamento, Descartes inicialmente coloca de lado as questões que lhe possam gerar dúvidas, a fim de se fundar em uma certeza. Do mesmo modo procedeu em relação ao homem. Concluiu que a garantia de sua existência era o fato de pensar todas essas coisas.

Dessa forma, a alma era uma certeza, pois poderia ser enunciada com segurança; o corpo, por sua vez, apresentava-se permeado por incertezas. Segundo Descartes, “a alma, pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo e, mesmo, que é mais fácil de conhecer do que ele” (DESCARTES, 1996 a, p.92).

Nesse sentido, a metafísica cartesiana se debruça nas questões da alma, dando-lhe destaque. Mas seria o ser humano cartesiano reduzido à subjetividade? A separação psicofísica, no pensamento cartesiano definitivamente não se caracteriza pela negação da dimensão corporal. O homem só pode ser concebido como um composto de corpo e alma, como esboça em “Meditações Metafísicas”. Na meditação segunda, questiona: “Mas o que sou eu, portanto? Uma coisa que pensa. Que é uma coisa que pensa? É uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente” (DESCARTES, 1996 b, p.92).

No final de sua vida, Descartes escreve um tratado que vem amarrar de vez a coexistência das substâncias res cogitans e da res extensa. O filósofo traz, na obra “As Paixões da Alma”, a concepção de paixões como via de união de corpo e alma. Na perspectiva da referida obra, pode-se afirmar que a paixão é o ponto de intersecção entre alma e corpo, uma vez que constitui o produto resultante da interação entre as duas substâncias componentes do homem:

Não observamos que exista algum sujeito que aja mais diretamente sobre nossa alma do que o corpo ao qual está unida, e que, conseqüentemente, devemos pensar que aquilo que nela é uma paixão é habitualmente nele uma ação. DESCARTES (2005 [1649], p.28)

Posteriormente, ao discorrer sobre as funções que, pelas paixões, são desempenhadas, René Descartes reafirma sua tese inicial, acima apresentada. Para isso, tenta tornar evidente que a paixão tem como sua principal consequência o trabalho de induzir a alma, de incitar o direcionamento de sua atenção, voltando-a para os efeitos causados pelos afetos no corpo:

o principal efeito de todas as paixões nos homens é que incitam e dispõem a sua alma a querer coisas para as quais elas lhes preparam o corpo; de forma que o sentimento do medo incita a querer fugir, o da ousadia a querer combater e assim por diante. (p. 56)

Esta é uma atenção que não fica restrita à mera percepção: a alma de fato com-padece. Percebe-se, portanto, que a paixão não é somente uma função volitiva da alma, mas possui sua gênese na interconexão existente entre esta e o corpo. Em outras palavras, a paixão é uma característica particular do homem cartesiano, uma vez que este só pode ser concebido como um composto corpo-alma.

A concepção de sujeito delineada por Descartes elucidada um homem que está inserido no mundo e que é duplo, agente e paciente das relações com o meio. O indivíduo somente pensa a partir dessa interação, visto que percebe e sofre influências de suas percepções. Buscando definir as paixões, Descartes assim se manifesta:

parece-me que podemos em geral defini-las [as paixões] em geral: percepções, ou sentimentos, ou emoções da alma, que relacionamos especificamente a ela, e que são causadas, alimentadas e fortalecidas por algum movimento dos espíritos. (p. 47)

Nem pura extensão, nem pura consciência; as percepções da alma permitem a união das substâncias, dando-lhe completude e humanizando suas paixões.

“ As paixões, sentimentos ou afetos formam, na teoria cartesiana, o elo que permite a união das duas substâncias distintas: corpo e alma. ”

Orientação de estudos

Planejamento

Como já foi explicitado no módulo anterior, este módulo tem a carga horária de 10 horas, no conjunto de uma disciplina de 30 horas/aula. O aluno deve ter sempre em mente a necessidade de efetuar 10 horas de estudo semanais a fim de cumprir os requisitos da disciplina. Desse modo, podemos passar à leitura do presente módulo visando conhecer os objetivos a serem atingidos:

Acompanhar a distinção entre corpo e alma produzida por Descartes;

Buscar a compreensão da união de corpo e alma elaborada no pensamento cartesiano;

Analisar as implicações de ambas, da distinção e da união, para o campo da saúde.

Para atingir os objetivos propostos, o estudante deverá, além de proceder à leitura do módulo didático, ter acesso à literatura fundamental para o acompanhamento do módulo - o texto de René Descartes sobre “As Paixões da Alma”. Após a realização dessa leitura, solicitamos a participação de todos na conversação oral e presencial com o tutor, a qual versará sobre as implicações da separação e da união de corpo e alma para o campo da saúde, tal como explicitado no campo de atividades do módulo.w

Corpo e Alma

Descartes inicia seu tratado “As paixões da Alma”, no Artigo 1, com a afirmação de que

“não há nada que mostre melhor o quanto são defeituosas as ciências que recebemos dos Antigos do que o que eles escreveram sobre as paixões. (...) É por isso que aqui serei obrigado a escrever da mesma forma que se estivesse tratando de uma matéria que nunca alguém antes de mim houvesse abordado” (Descartes, (2005[1649]), p. 27).

Esse caráter inaugural da proposição cartesiana das paixões recebe inúmeros comentários, dentre os quais o de Denis Kambouchner, em seu livro *O homem das paixões*. Para ele, a grande novidade cartesiana no tratamento das paixões consiste em considerá-las a partir da distinção substancial entre corpo e alma. À originalidade cartesiana segue a problemática do tratamento das paixões em relação à distinção e à união de corpo e alma.

Quando apresenta *As paixões da alma*, Descartes assegura “que não existe melhor caminho para chegar ao conhecimento de nossas paixões do que examinar a diferença que há entre a alma e o corpo, a fim de saber a qual dos dois se deve atribuir cada uma das funções existentes em nós”(Descartes, 1979a). Em suas *Meditações Metafísicas*, ele deixa claro que corpo e alma são essencialmente distintos, embora, quando estão de fato unidos, continuem irredutíveis em suas naturezas distintas. Nesse caso, para Descartes, a natureza humana é composta de duas naturezas distintas: a natureza da alma e a natureza do corpo. Assim, mesmo

que as paixões surjam da união entre a alma e o corpo, deve-se pensar seus efeitos tendo sempre em vista que se trata da união de duas naturezas distintas.



Para refletir

Qual é a concepção cartesiana de corpo e alma?

A fisiologia mecanicista

Na primeira parte do Tratado, Descartes apresenta o estudo das paixões a partir da fisiologia, mas deixando clara a diferença entre as paixões da alma e as paixões do corpo. Sua proposta não é de trabalhar com as paixões do corpo, mas sim, como aponta o título do Tratado, com “As Paixões da Alma”. Assim, as paixões do corpo ficam restritas ao campo da fisiologia e as paixões da alma se estendem ao campo do pensamento. Que as paixões são, para Descartes, pensamentos, não há dúvida, pois elas são da alma. Contudo, as paixões são pensamentos que indicam a união íntima entre corpo e alma. Tendo em vista a incerteza da elaboração do conhecimento no campo das paixões, Descartes propõe examiná-las a partir da distinção entre aquilo que na paixão é da ordem do corpo e aquilo que na paixão é da ordem da alma.

A paixão é tudo o que, na alma, tem a própria alma como causa e o corpo como referência, ou seja, só a alma pode sentir; segundo

Descartes, “o principal efeito de todas as paixões nos homens é que incitam e dispõem a sua alma a querer coisas para as quais elas lhes preparam os corpos” (DESCARTES, (2005[1649]), p. 56). Nessa definição, a paixão aparece como índice da união íntima entre a alma e o corpo na medida em que a alma pode vir a querer o que cada corpo foi preparado pelas próprias paixões para oferecer.

A concepção cartesiana de organismo inscreve-se no quadro da filosofia mecanicista, que tem como postulado fundamental a interpretação da natureza em termos de matéria e movimento. Nesse sentido, Descartes rompe com a tradição aristotélica. Ele não mais considera as capacidades da alma – vegetativa, sensitiva, de pensamento e de movimento – como responsáveis por toda a ordenação e atividade da vida. No seu entender, a base de todas as funções do corpo está na disposição dos órgãos, da matéria. Ele se propõe a descrever as menores partes; descrição que se voltará para os movimentos que delas dependem.

Assim, as explicações cartesianas sobre as funções do organismo tomam por base a física como forma de eliminar da fisiologia todo recurso a propriedades e qualidades ocultas. Nos textos que se voltam para o estudo dos seres vivos, as partículas nomeadas “espíritos animais” estão na base de todo o processo de locomoção e de percepção do homem: elas são produzidas no cérebro e daí vão para os nervos, possibilitando tanto a locomoção como a sensação.

Se a física deve ser pensada de outra maneira que não a veiculada pela escolástica, a fisiologia também deve seguir o mesmo caminho. Afinal, os corpos, aí incluídos os seres vivos, passam a receber uma explicação que recusa qualquer intervenção de força interna ou externa. Tudo se reduz a partículas em movimento, quantitativamente diferentes, que se chocam e estão na base do funcionamento do organismo.

“ A concepção cartesiana de corpo segue a física de seu tempo: o universo é mecânico. ”



Para refletir

Como Descartes compreende as paixões?

Qual a diferença entre paixões do corpo e paixões da alma?

De que forma Descartes rompe com a tradição aristotélica?

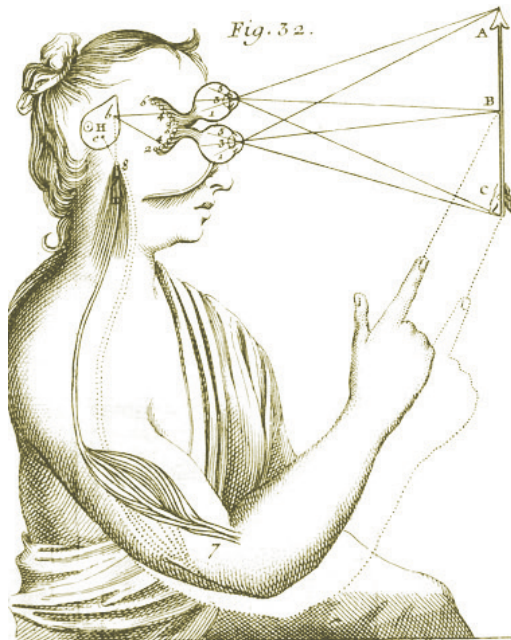
Qual a novidade na abordagem cartesiana de corpo e alma?

O que são os “espíritos animais”?

A natureza composta do ser humano

Descartes não deixa de considerar a natureza composta do homem. Na Meditação sexta, ao recuperar o valor das informações provenientes das sensações, Descartes não mais indica, mas passa a trabalhar com a noção de união substancial entre o corpo e a alma. Essa recuperação é construída a partir da consideração de graus de certeza dos sentidos. A Meditação sexta desenvolve, em sua maior parte, questões concernentes às sensações, na abordagem da união entre corpo e alma. As sensações vinculadas a uma patologia aparecem como exemplos mais apropriados no tratamento da natureza humana: sentimento de dor, ilusão dos amputados, hidropisia. Cada um desses exemplos remete à natureza composta do homem, indicando que ela pode tanto nos informar de forma adequada à nossa conservação como pode nos enganar. As sensações são tomadas como constatações da união: elas servem como provas no decorrer dessa Meditação.

O mecanicismo encontra os seus limites a partir da referência à união entre corpo e alma. Nesse ambiente de interação, o esquema mecânico será enriquecido pela consideração das idéias fornecidas à alma pelas sensações. A Meditação sexta afirma que as impressões sensoriais concentram-se em um ponto do cérebro. Ora, “As paixões da Alma” mostrarão que é nesse ponto que a alma exerce suas funções. Apesar de estar unida a todo o corpo, a alma se encontra mais intimamente ligada a ele por meio de um ponto em particular: a glândula pineal. A unificação das impressões sensoriais que se dá nessa glândula atua sobre a alma. A impressão que uma percepção causa está na base de nossos sentimentos, que também são explicados por meio de movimentos dos “espíritos animais”.



Assim, os sentimentos estão relacionados a fluxo de líquidos e “espíritos animais”, que provocam alterações fisiológicas. Descartes considera o caminho que vai do corpo à alma ao examinar, por exemplo, a possibilidade de a tristeza originar-se de um mal-estar. Além desse caminho, considera ainda a possibilidade inversa, ou seja, quando a tristeza provoca distúrbios orgânicos. Enfim, para ele um desajuste no corpo humano deve considerar não apenas o ponto de vista de seu mecanismo, mas também o fato de que está ligado a uma alma.

Limites do mecanicismo cartesiano

O ser humano é composto de corpo e alma;

Nem pura fisiologia;

Nem pura subjetividade;

A moral das paixões

Carole Talon-Hugon, em seu livro “As paixões sonhadas pela razão”, questiona se Descartes realmente alcança seu intento de propor uma maneira diferenciada de abordagem das paixões. Para essa autora, Descartes questiona e rompe com a doxa (do grego, opinião geral) em curso, contudo essa doxa é constituída por uma rede complexa de heranças, e isso não significa que ele não tenha absorvido nada das doutrinas do passado; ele absorve, mas transforma essas heranças, de tal modo que elas se tornam irreconhecíveis. Além disso, para essa autora, na terceira parte do Tratado das Paixões, Descartes retoma a moralidade antiga, e o discurso fisiologista apresentado na primeira parte do Tratado não se sustenta sem uma teorização moral.

“ O discurso cartesiano sobre as paixões não se concentra na fisiologia mecanicista; sustenta-se em uma moral provisória. ”

Os comentadores citados são unânimes em afirmar que, mesmo tentando se distanciar de um discurso moral sobre as paixões, Descartes não conseguiu o seu intento; e, nesse sentido, também não conseguiu levar avante a proposta de apresentar as paixões no campo exclusivo da fisiologia. Assim, para esses comentadores, o Tratado das Paixões estaria inserido no campo de um tratamento moral sobre o tema das paixões. Como afirma Guérout, esse é o drama da moral cartesiana, uma doutrina provisória que se anuncia definitiva, mas que se acreditava dever ser provisória (GUÉROUT, 1968, t II, p. 239). Segundo essa análise, a moral provisória, anunciada no “Discurso do Método”, torna-se mais e mais definitiva desde o Tratado das Paixões.

No contexto em que se aponta para o tratamento moral oferecido por Descartes ao tema das paixões, uma implicação possível para o tratamento das paixões é um afastamento das respostas mecanicistas do campo das relações entre corpo e alma. Sendo o Tratado um texto tardio dentro da obra cartesiana, a causa de sua elaboração é muito relevante para o entendimento desse texto como um discurso moral. Uma reflexão sobre a emergência da questão das paixões na correspondência de Descartes com a Princesa Elisabeth (1643-1649) se apresenta como uma chave de leitura desse processo.

A tristeza da Princesa Elisabeth

“As Paixões da Alma” é o último texto publicado por Descartes em 1649 e foi escrito na tentativa de responder às questões da Princesa Elisabeth. Em meio às suas correspondências, Descartes escreve, em carta datada de 18 de maio de 1645, que a causa dos problemas de saúde da princesa está na alma e que “a causa mais comum da febre lenta [que lhe aflige] é a tristeza”. Após esse diagnóstico,

Descartes se dispõe a tratá-la como um médico de almas. Carole Talon-Hugon explicita que Descartes não se propõe a tratar da tristeza como fariam o médico ou o psicólogo, mas sua proposta é de tratar a tristeza (TALON-HUGON, 2002, p.91) elaborando um Tratado das Paixões. Para essa comentadora, Descartes aborda o tema das paixões suscitado pela tristeza da Princesa sob um ângulo exclusivamente moral.

Descartes indica à Princesa que é pela força da virtude que ela deve tornar a alma contente e, desse modo, ele recorre à ética estoíca, sugerindo à princesa a leitura do livro de Sêneca, “De Beata Vita”. A proposta da moral estoíca é de dominar as paixões ou mesmo erradicar as paixões. Nessa perspectiva, as paixões são erros de julgamentos ligados a uma tensão insuficiente da alma. Assim, Descartes tenta integrar a moral estoíca para tratar a tristeza, paixão à qual a princesa encontra-se submetida. Em carta de 4 de agosto de 1645, ele escreve que “a maior felicidade do homem depende do uso reto da razão”.

De acordo com o comentário de Mme. Rodis-Lewis sobre “A moral de Descartes”, “a moral mais perfeita, enquanto ela pressupõe o saber acabado, pode ser apenas um ideal [por isso Descartes prescreve uma moral provisória]; e os conselhos práticos oferecidos à Elisabeth, aplicáveis no imediato, guardam certos elementos característicos dessa ‘moral imperfeita que podemos seguir apenas por provisão enquanto não sabemos nada de melhor’ ” (RODIS-LEWIS, p.119). Para Descartes, o uso reto da razão não significa, como para Sêneca, eliminar as paixões, mas, sim, bem utilizá-las. Nesse sentido, como comenta Mme. Rodis-Lewis, a felicidade a ser atingida, para Descartes, se estabelece no contentamento humano do bom uso das paixões.

Contudo, diante dos reveses dos acontecimentos reais, tornar a alma contente não se faz tão facilmente assim. Por mais que tentasse se livrar da tristeza a partir da moral estoíca, que repousa sobre a afirmação da liberdade da vontade, a Princesa não obteve sucesso. Nesse contexto, Descartes percebe que a força da alma, por si só, não basta para dominar as paixões. Desse modo, a questão para a qual ele se sente obrigado a procurar uma resposta é a de saber como é possível, se não vencer as paixões, pelo menos não sofrer com elas.

A moral provisória

A causa da dificuldade ou mesmo impossibilidade de a razão conseguir o domínio sobre as paixões está na definição das paixões como elemento que permite a união do corpo e da alma. Por mais que as paixões sejam da alma, elas estão intimamente ligadas ao corpo e, por esse mesmo motivo, o controle das paixões não é da ordem da vontade. A alma não tem acesso direto ao corpo, nem pode excitar diretamente as paixões. Tendo em vista a aliança de corpo e alma presente nas paixões e, uma vez que a alma é de natureza distinta do corpo, o objetivo de tentar atingir diretamente a paixão pela vontade não é viável. A vontade pode até atingir o corpo, no caso, por exemplo, da cólera, pela vontade de controlar a mão para que essa não responda ao estímulo de bater, contudo a vontade nada pode contra a paixão que é acompanhada pela emoção que a fortalece.

De acordo com Descartes, “de todas as espécies de pensamentos que ela [a alma] pode ter, não há outros que a agitem e a abalem tão fortemente como essas paixões” (DESCARTES, (2005[1649]), p. 48). Destacamos nesse trecho o fato de Descartes considerar as paixões como pensamentos. As paixões são pensamentos por serem da alma, tendo em vista que, para Descartes, nada é decorrente da alma senão pensamentos. O fato de as paixões da alma serem apresentadas como pensamentos dificulta o entendimento da união corpo e alma que ela representa. Segundo Denis Kambouchner, em seu livro “O homem das paixões”:

A união cartesiana, que não poderia ser propriamente acidental, e deve, ao contrário, ser dita verdadeiramente substancial, não se trata, nem de uma perfeita unidade, nas condições da qual a distinção real perderá todo sentido, nem a uma simples reunião, mesmo que fosse das mais sofisticadas em seu regime. (...) Deixando à alma, de um lado, e ao corpo, de outro lado, certa independência recíproca, a união cartesiana deve consistir em um jogo de interações, atitudes imediatas e em princípio presentes, cujo efeito será essa presença tão imediata da alma no corpo, e do corpo na alma, pela qual Descartes fala de

mistura (permixtio). De todo modo, essas interações sobre as quais repousam toda experiência de união devem a cada vez se efetuar segundo um processo. Daí a insistente questão: como seu princípio pode ser concebido? Como poderemos explicar que a alma, coisa incorporeal e inextensa, possa causar no corpo certos movimentos, e que o corpo, que é apenas uma organização (máquina) de partes móveis e figuradas, possa por alguns de seus movimentos excitar na alma pensamentos – percepções, sentimentos ou emoções? (pp. 34-35)

As questões de Kambouchner são de valor inestimável para o tratamento do tema da união de corpo e alma no pensamento de Descartes. Como é possível abordar a influência da alma sobre o corpo, ou mesmo, do corpo sobre a alma? Onde se encontram os elementos de interação? Como se dá essa união?



Para refletir

*Como se dá a união de corpo e alma promovida pela paixão?
Por que não conseguimos dominar as paixões?*

A paixão como percepção

Essa forma de pensamento, que é a paixão, indica a união íntima entre corpo e alma. Desse modo, um pensamento livre como a vontade não excita diretamente uma paixão, pois um pensamento livre não afeta um corpo. A “paixão”, no sentido estrito, é apresentada por Descartes como um sentimento que surge de uma reação corporal causada pela percepção de algo. A percepção é o elemento instaurador de uma paixão.

Do artigo 17 ao artigo 26 de seu texto, antes de apresentar a definição de “As Paixões da Alma”, Descartes estabelece “as espécies de percepções que se encontram em nós” (art. 17), percepções estas que são as paixões. Seguindo a concepção cartesiana, não existe possibilidade de haver uma paixão

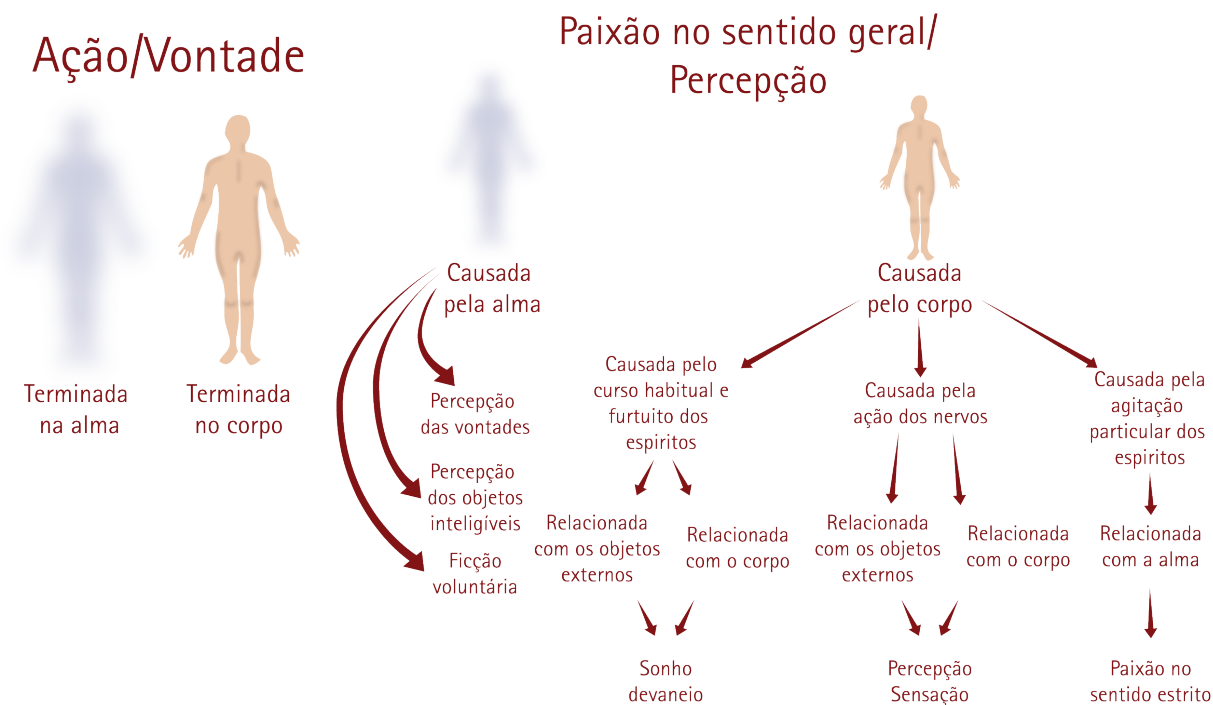
sem percepção. Paixões, nesse sentido, são percepções. Para Descartes, as Paixões, além de percepções, são pensamentos: “é fácil compreender que nada resta em nós que devêssemos atribuir à nossa alma a não ser nossos pensamentos, os quais são principalmente de dois gêneros, a saber: uns são as ações da alma, os outros são suas paixões” (art. 17). As paixões são pensamentos que testemunham a união íntima entre corpo e alma pelo fato de serem percepções.

O pensamento, quando não é uma paixão é, uma vontade ou ação da alma. Uma vontade pode ser uma ação que começa na alma e termina na alma, como pode ser, também, uma ação que começa na alma e termina no corpo. Uma ação do primeiro tipo é um pensamento puro, já uma ação do segundo tipo é, por exemplo, uma vontade de caminhar e a sua ação efetiva.

A paixão como pensamento

Paixão, percepção e pensamento

Pensamento



No sentido geral, uma paixão é uma percepção que, por sua vez, pode ser causada pela alma, tal como na percepção dos objetos inteligíveis, como também, nesse sentido geral, a paixão pode ser uma percepção causada pelo corpo. Quando essa percepção causada pelo corpo tem sua origem no curso habitual e fortuito dos “espíritos animais” que, na linguagem cartesiana, seriam equivalentes aos nossos atuais neuromediadores, essa percepção, seja relacionada com os objetos externos, seja relacionada com o corpo, é, segundo Descartes, sempre sonho ou devaneio. De outro modo, quando essa percepção causada pelo corpo tem sua origem na ação dos nervos, seja relacionada com objetos externos, tais como a luz de uma tocha, ou com o corpo, tal como a dor, é uma sensação.

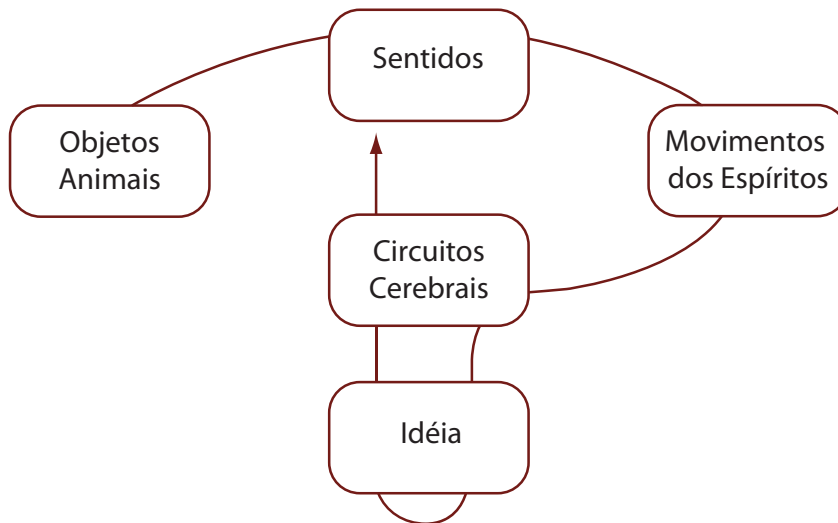
Para Descartes, uma paixão no sentido estrito é uma percepção causada pelo corpo por meio de uma agitação particular dos “espíritos animais”, mas que se relaciona apenas com a alma, manifestando-se como sentimentos de medo e cólera, entre outros, que são as paixões abordadas no tratado. Tendo explicitado as diferenças entre paixões em geral e no sentido estrito, Descartes pode oferecer a definição geral das paixões da alma como: “percepções, ou sentimentos, ou emoções da alma, que relacionamos especificamente com ela e que são causadas, alimentadas e fortalecidas por algum movimento dos espíritos” (art. 27). A verdadeira união de corpo e alma se manifesta nas paixões que dependem de algum movimento particular dos espíritos. Os espíritos animais são, na teoria cartesiana, os elementos materiais, cuja movimentação permite à alma sentir a paixão. Segundo Descartes,

há uma razão particular que impede a alma de poder alterar ou estancar rapidamente suas paixões, a qual me deu motivo de por mais acima, em sua definição, que elas não são apenas causadas, mas também mantidas e fortalecidas por algum movimento particular dos espíritos. Esta razão é que elas são quase todas acompanhadas de alguma emoção (DESCARTES, (2005[1649]), p.60).

Dessa passagem pode-se extrair uma diferenciação entre as emoções e as paixões. São as emoções que sustentam e fortalecem as paixões inscritas no movimento particular do automatismo

circular dos espíritos. A paixão é causada por um caminho específico de um circuito neuronal. Ela se instala desde que esse circuito foi percorrido uma primeira vez, e se mantém e se fortalece a partir da repetição desse circuito, que tem como consequência manifestações corporais.

Essa é a razão pela qual uma paixão pode ser muito mais impositiva que a vontade, pois o corpo já foi preparado pela própria paixão para reagir, de tal modo que outra reação à mesma situação pode se apresentar de modo secundário. No artigo 107, Descartes enuncia que: “entre nossa alma e nosso corpo há tal ligação que, depois de termos unido uma vez alguma ação corporal com algum pensamento, posteriormente um dos dois não se apresenta a nós sem que o outro também se apresente”. Assim, uma ação corporal, tal como o tremor, pode indicar a presença de uma paixão. Contudo essas ações corporais podem dar a conhecer as paixões, como também podem servir para dissimulá-las. No entanto, elas ainda permanecem como sinais.



Por mais que, na definição geral de paixão oferecida no artigo 27, Descartes sustente que as paixões são “percepções, ou sentimentos, ou emoções da alma”, no artigo 49, ele apresenta a emoção apenas acompanhando a paixão. Se a emoção pode acompanhar a paixão,

esse fato a retira da categoria de sinônimo de uma paixão. A partir da definição do artigo 46, podemos perceber que a emoção caracteriza a parte material da paixão.



Para refletir

Como é possível estabelecer relação entre paixões, percepções e pensamentos?

Qual a diferença entre paixões e emoções?

A emoção como um problema moral

O problema moral gerado pelo fato de as paixões não se submeterem à vontade se relaciona à emoção, que acompanha a paixão e movimenta todo o corpo. Esse movimento gera sensações, tais como taquicardia, enrubecimento, empalidecimento, entre outras. Essas sensações corporais geram prazer e desprazer. O prazer e o desprazer gerados pela paixão impedem que a vontade livre de emoção possa dominar uma paixão.



Charles le Brun - Expressions

Em sua introdução ao texto do tratado, Pascale D'Arcy aponta para o fracasso da empreitada cartesiana em responder à princesa sobre a medida da irracionalidade das paixões. Segundo essa comentadora, o essencial do tratado consiste em por em evidência que “há nas paixões uma dimensão – se não sempre obscura, pelo menos incontrolável” (D'ARCY, 2005, p.70). No seu entender: “a honestidade de Descartes está em não ter se refugiado atrás de um sistema já pronto e de ter, se não explicitado, pelo menos posto em cena a impossibilidade de pretender ao mesmo tempo fazer a pergunta e obter a resposta” (p. 84) Faz-se necessário lembrar que o termo paixão é recorrente de uma tradição moralista da qual, mesmo sem querer e mesmo sem produzir um tratado moral definitivo sobre o assunto, Descartes é participante.

Paixões ou afetos?

Em seu opúsculo “Televisão”, de 1974, Jacques Lacan avança uma crítica sobre a noção dos afetos baseada na fenomenologia das manifestações corporais. Sua proposição é de que os afetos devem ser percebidos como pensamentos, aproximando-se, portanto, da perspectiva cartesiana, segundo a qual as paixões são pensamentos. Lacan chega a declarar no texto de “Televisão” que uma descarga de adrenalina é uma descarga de pensamento. Nesse sentido, mantém, para o tratamento da questão dos afetos, sua proposição maior, segundo a qual “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, tendo em vista que o afeto se manifesta em um corpo que habita a linguagem. Desse modo, ele indica que: “reconsiderar o afeto a partir de [seus] dizeres, reconduz em todo caso ao que foi dito sobre isso de seguro. A simples retomada das paixões da alma” (LACAN, 1974, p. 39).

Essa retomada lacaniana de um tratamento tradicional sobre o tema dos afetos, recuperando para o mesmo o termo antigo de paixão, aponta sua divergência em relação ao tratamento contemporâneo do tema dos afetos. Para Lacan, os afetos devem

ser tratados na mesma vertente da tradição moralista da qual Descartes também não se desvencilhou. Jacques-Alain Miller explicita essa orientação lacaniana ao propor que, em “Televisão”,

ele [Lacan] delimita pura e simplesmente os afetos como as paixões da alma – o que certamente é uma provocação, porém destinada a separar a teorização do afeto da psicofisiologia e da psicologia. Toma assim como referências Platão, Aristóteles e São Thomas quando ele quer recorrer, diz ele ‘ao que se disse de confiável’ concernente ao afeto. (...) É varrer de um golpe toda psicofisiologia para marcar que não se trata aí de uma fenomenologia das emoções, e muito menos de um problema de self-control, de domínio das emoções, mas do que é bom ou mau, do que está associado a um Bem Supremo. Não que esse Bem Supremo seja de algum modo transportado por ele para a psicanálise, mas com isto ele afirma que somente nesta abordagem tradicional da questão, a psicanálise encontra sua orientação (MILLER, 1998, p. 48).

O comentário de Miller explicita que a retomada lacaniana do termo paixão afasta a teoria dos afetos de problemas psicofisiológicos de descarga ou mudanças corporais abordadas como sentimentos. Para ele, o afeto não é uma emoção. No mesmo sentido em que o tema é abordado por Descartes no tratado das paixões ao enfatizar que a paixão não é uma emoção e que esta última apenas acompanha a paixão. A teoria tradicional das paixões trata o valor do afeto nas relações implicadas entre o eu e o mundo; entre o eu e o Outro da linguagem. Isso quer dizer que o sujeito está afetado em suas relações com o Outro nas suas relações de gozo. Nem a biologia, nem a psicofisiologia permitem situar o gozo. Para tanto, o aparato indicado por Lacan encontra-se no campo da Ética, ao distinguir os afetos das emoções e enlaçá-los às paixões da alma.



Para refletir

Jacques Lacan, em “Televisão”, de 1974, propõe uma crítica sobre a noção dos afetos baseada na fenomenologia das manifestações corporais. Em que consiste essa crítica? Qual é a proposta de Lacan acerca dos afetos?

A perversão do pensamento cartesiano

Nesse contexto de crítica ao tratamento psicofisiológico dos afetos, uma observação de Jean-Didier Vincent, em seu livro “Biologia das paixões”, faz-se muito apropriada. Segundo ele,

os biólogos e psicólogos contemporâneos substituíram o termo paixão pelo termo emoção. A origem dessa desafeição está no pensamento de Descartes, que vê no movimento dos espíritos animais o critério primordial da paixão. Contudo, para Descartes, as paixões eram da alma e, contrariamente à sua proposição, os materialistas mecanicistas se desinteressaram das paixões e, mais ainda, da alma. Com a distinção cartesiana do corpo e da alma, os mecanicistas se sentiram livres para explorar o cérebro tranquilamente. Na avaliação de Jean-Didier Vincent, “essa perversão do pensamento cartesiano é particularmente perceptível na doutrina das localizações cerebrais (VINCENT, p.21).

O pensamento cartesiano sobre as paixões se situa no limite entre o materialismo mecanicista e um pensamento moral. Vincent propõe a manutenção do termo paixão, tal como os pensadores do século XVII, e aposta no bom uso das paixões no seu valor adaptativo.

Diante do discurso contemporâneo, que tem seu exemplo nos postulados das neurociências, os afetos lacanianos constituem uma objeção fundamental, ou mesmo, uma retroação: tal como Jean-Didier Vincent, Lacan, em relação ao campo dos afetos, se distancia das referências contemporâneas. No campo das neurociências, Antônio Damásio escreve o livro intitulado “O erro de Descartes”,

cujo principal enfoque é a relação entre razão e emoção. Nessa proposta, o sistema de raciocínio evoluiu como uma extensão do sistema emocional automático e, desse modo, os sistemas cerebrais participam conjuntamente da emoção e da tomada de decisão. Além disso, o autor aponta que “os mecanismos de homeostase básica constituem um gabarito para o desenvolvimento cultural dos valores humanos que nos permitem julgar as ações como boas ou más” (DAMÁSIO, 2005, p. 10). Para esse autor, o erro de Descartes se traduz na distinção do corpo e da alma e todas as suas congruências que obscurecem as raízes da mente humana em um único organismo biologicamente complexo. Nesse sentido, pode-se dizer que o erro de Descartes seria o de ter separado as paixões do corpo das paixões da alma. Em suas palavras:

O controle das inclinações animais por meio do pensamento, da razão e da vontade é o que nos torna humanos, segundo As paixões da Alma de Descartes. Estou de acordo com sua formulação, só que, onde ele especificou um controle alcançado por um agente não físico, vejo uma operação biológica estruturada dentro do organismo humano que em nada é menos complexa, admirável ou sublime (p. 152).



Para refletir

Em que consiste a crítica proposta por Antônio Damásio, em sua obra O erro de Descartes?

Os afetos e o gozo

A operação biológica estruturada se fortalece com a concepção da emoção como um marcador somático que estabelece a correspondência fixa entre um estado de corpo e uma emoção. Nesse sentido, Eric Laurent, em seu livro, “Lost in Cognition”, critica a proposta de Damásio, sustentando que a hipótese do marcador somático não deixa espaço para o registro dos afetos como parte

da língua. Segundo ele, “a concepção de Damásio é aquela de um organismo sem Outro, profundamente autista, centrado sobre uma autorregulação homeostática elaborada ao curso da evolução” (LAURENT, 2008, p. 34). O Outro, como um sistema de linguagem, articula os equívocos que relevam múltiplas leituras. Assim, um organismo sem Outro está envolvido com sua própria regulação, mantendo de maneira eficaz a sua própria constância interior. O que a psicanálise de orientação lacaniana chama de gozo é uma perturbação na manutenção homeostática do corpo. A articulação de um organismo ao Outro permite a organização de um sistema de leitura do gozo. A clínica psicanalítica inclui, para o ser vivo, o campo do Outro por meio das paixões que permitem a articulação do inconsciente com o real do gozo.

O que Damásio considera erro se apresenta, aos olhos de Lacan, no texto “A ciência e a verdade”, como uma condição possível para o surgimento da Psicanálise. Pois a paixão ou afeto se instala no corpo e responde do corpo; como aponta Descartes e reitera Lacan, as paixões são da alma e não do corpo. Enquanto paixão, um sentimento nunca deixará de ser uma manifestação subjetiva. Ao comentar a importância dos afetos para a Psicanálise, Jacques-Alain Miller, seguindo a orientação lacaniana, esclarece:

Sem dúvida, no afeto trata-se do corpo, mais exatamente dos efeitos de linguagem sobre o corpo – esse efeito, que enumerei recentemente, de recorte, de desvitalização, de esvaziamento do gozo, ou seja, segundo o termo de Lacan, de “outrificação” do corpo. E aquilo que Freud chama de separação da quota de afeto da idéia se torna para nós a articulação entre o significante e o objeto. A orientação lacaniana implica, portanto, distinguir as emoções, de registro animal, vital, em seu aspecto de reação ao que ocorre no mundo, dos afetos como pertencentes ao sujeito (MILLER, 1998, p. 47).

Nesse sentido, Lacan situa a sua própria consideração sobre a proposta freudiana quanto aos afetos. Freud diferencia idéia e afeto, ao formular que, entre os dois, “a diferença toda decorre do fato de que idéias são catexias – basicamente traços de memória –, enquanto que os afetos e as emoções correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sentimentos” (FREUD, 2006 [1915], p. 183). Desse modo, para Freud, sendo um processo de descarga, um afeto não pode ser inconsciente, só o recaiado o pode. Ele ainda acrescenta no mesmo texto que “faz parte da natureza de uma emoção que estejamos cõscios dela, isto é, que ela se torne conhecida pela consciência” (p. 182).

Assim o afeto, ou emoções, ou sentimentos, tal como Freud os nomeia, não podem ser recaiados, mas seguem um caminho direto para a consciência. Contudo, mesmo o afeto não podendo ser inconsciente, ele pode se ligar ao seu representante derivado. Freud nomeia esse representante derivado como símbolos mnêmicos, pois, segundo ele, “a necessidade biológica exige que uma situação de perigo deva ter um símbolo afetivo, de modo que um símbolo dessa espécie teria em qualquer caso de ser criado” (FREUD, 2006 [1926], p. 97). Quando Freud esclarece que a necessidade biológica exige a criação de um símbolo, Lacan aponta que esse símbolo afetivo é um signo. Para Lacan os afetos são signos translinguísticos que indicam, via a manifestação corporal, um sentimento que se fortalece, justamente pelo fato de se inscrever no corpo. Esse fato permite a produção de um saber baseado na experiência que atrela significativo e gozo pela via do signo.



Para refletir

Quais são as principais características do pensamento de Freud sobre a teoria dos afetos?

LEITURAS RECOMENDADAS

- BROCHARD, V. “Descartes Stoïcien (contribution à l’histoire de philosophie cartésienne)”. In : Études de philosophie ancienne et de philosophie moderne. Paris: Vrin. 1954.
- DAMÁSIO, A. O erro de Descartes : emoção, razão e cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras. 1996.
- DESCARTES, R. [1649]. As Paixões da Alma: introdução, notas, bibliografia e cronologia por Pascale D’Arcy. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2005.
- _____. Carta a Elisabeth de 18 de agosto de 1645. São Paulo: Abril Cultural. (1979a).
- _____. [1637] Carta a Chanut de 1 de fevereiro de 1647. São Paulo: Abril Cultural. (1979b).
- _____. [1641] Discurso do Método. São Paulo: Anul Cultural. (1996. a).
- _____. Meditações Metafísicas. São Paulo: Anul Cultural. (1996. b).
- FREUD, S. (1915) “O Inconsciente”. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago Editora. v. XIV, 2006.
- _____. (1926) “Inibição, Sintoma e Ansiedade”. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago Editora. v. XX, 2006.
- GUEROULT, M. Descartes selon l’ordre des raisons, Tome II: l’âme et le corps. Paris: Aubier. 1968.
- KAMBOUCHNER, D. L’homme des passions : commentaires sur Descartes, Tome I. Paris : Albin Michel, 1995.
- LACAN, J. Le Séminaire : Livre VIII – Le Transfert. Paris: Seuil. w _____ . Le Séminaire: livre XX – Encore. Paris: Seuil. 1975.
- LAURENT, E. Lost in cognition : Psychanalyse et sciences cognitives. Paris : Editions Cécile Défaut. 2008.
- MILLER, J.-A. “A Propósito dos Afetos na Experiência Analítica”. In: As Paixões do Ser: Amor, Ódio e Ignorância. Rio de Janeiro: Contra Capa. 1998.
- _____. “Biologia Lacaniana”. In: Opção Lacaniana 41 (Dezembro). 2004.
- TALON-HUGON, C. Les Passions revées para la raison: essai sur la théorie des passions de Descartes et quelques-uns de ses contemporains. Paris: Vrin. 2002.

AVALIAÇÃO

Ficha de leitura da primeira parte do texto de René Descartes “Paixões da Alma”, incluindo uma articulação com os conceitos teóricos abordados no módulo didático.

LEITURA E CONVERSAÇÃO

Leitura do módulo e participação de uma conversa oral e presencial com o tutor sobre as implicações, para o campo da saúde, da separação e da união entre corpo e alma.

Paixões e hormônios

NO PRIMEIRO módulo discutimos a necessidade de uma nova concepção de humanização no campo da saúde, distanciada do mecanicismo reinante nesse contexto. Já no segundo, recuperamos o pensamento do filósofo René Descartes, ao qual é imputada a disseminação da mecanização dos corpos no campo da saúde. Apresentamos o pensamento cartesiano e demonstramos que o próprio pensador não trabalha na perspectiva da mecanização do ser humano. Tendo em vista que o grande problema apresentado no campo da saúde foi a perda do sentido daquilo que é humano, Descartes propõe que a real humanização se situa no campo das paixões. Isto porque, além de constituírem a base da experiência do ser humano, as paixões constituem a fonte de comunicação entre os seres humanos.

Mas de que modo a paixão reflete no organismo humano?

O termo *paixão* utilizado entre os filósofos e os fisiologistas da idade clássica desapareceu da linguagem dos psicólogos e dos biólogos contemporâneos, sendo substituído pelo termo *emoção*. A origem dessa mudança é atribuída ao próprio Descartes, já que foi ele o primeiro a inculcar nas paixões a característica básica vigente no movimento científico de seu tempo. Com os seus antecessores, as paixões humanas eram apenas da ordem do sofrimento, do padecimento; para o pensamento cartesiano, diferentemente, as paixões são descritas como movimentos excitados nos órgãos dos sentidos pelos “espíritos animais”, que, por intermédio da centralização da glândula pineal, fazem com que a alma sinta paixões.

O materialismo mecanicista que inspirou a fisiologia neuronal se desinteressou pelas paixões. Mesmo que Descartes tenha

separado a alma do corpo, o seu pensamento não pode ser a origem da doutrina materialista das localizações cerebrais. Para Descartes, o pensamento não tem uma natureza espacial, pois, no seu entender, a extensão é apenas corporal. A glândula pineal, que ele definiu como sede das paixões pela alta concentração de “espíritos animais”, é substituída por neurobiologistas como Jean-Didier Vincent, pelo hipotálamo¹. A pretensão de um estudo contemporâneo sobre as paixões deve incluir um estudo sobre neuroendocrinologia.

¹VINCENT, J. D.
Biologie des passions.
Paris: Odile Jacob,
2002, p. 232.

No livro “Biologia das paixões”, de sua autoria, Jean-Didier Vincent assinala que durante a primeira metade do século XX os fisiologistas do sistema nervoso foram do tipo ‘eletricistas’. Entretanto, sabe-se que os sistemas endócrinos utilizam mensagens químicas, cujas características são as de agir, a distância de seu lugar de origem, na circulação dos líquidos do organismo sobre um conjunto de células-alvo e com duração prolongada. Assim, os primeiros fisiologistas do sistema hormonal foram do tipo ‘químicos’. Desde então, a química se interessou pelo sistema nervoso, principalmente quando se soube que a comunicação entre as células nervosas se fazia igualmente graças a mensagens químicas, isto é, os neuromediadores liberados sobre a ação do influxo, capazes de modificar as propriedades elétricas das células vizinhas. Nesse sentido, a eletricidade torna-se química e se transforma novamente em eletricidade.

No plano operacional, uma ação neurotransmissora estrita consiste na abertura passiva de canais iônicos, que provocam um sinal elétrico cuja integração final permite ao neurônio a emissão de um influxo. Algumas mensagens de origem nervosa podem ter uma ação de tipo hormonal por intervenção de um segundo mensageiro,

que repassa a informação no conjunto da célula receptora e modifica suas propriedades energéticas ou sua excitabilidade.

Um mesmo mensageiro pode chegar à membrana receptora em concentrações diferentes – uma forte concentração pela via sináptica e uma fraca concentração pela via hormonal – com ações diferentes. No mecanismo de ação dos hormônios, o mensageiro químico reconhece sua célula-alvo graças a receptores situados sobre a membrana ou no interior da célula. Esse reconhecimento é seguido de efeitos graças a uma segunda mensagem, que age no seio da célula. Os hormônios asseguram a comunicação entre as células e integram as funções químicas e fisiológicas para mantê-la constante e adaptar a resposta do organismo às mudanças do meio ambiente.

Diante disso, pode-se concluir que, ao lado do cérebro neuronal, existe um cérebro hormonal, que modifica sem cessar todas as estruturas e o funcionamento do primeiro. Pela ação no hipotálamo, o cérebro se torna uma verdadeira glândula endócrina, que secreta hormônios no sangue da circulação geral ou de uma rede local que irriga a hipófise. Os hormônios do cérebro obedecem aos dois princípios fundamentais que definem um hormônio: ação a distância e autorregulação por retroação (feed back). Esse cérebro hormonal é responsável pela parte afetiva e passional do ser humano, enquanto o cérebro neuronal é responsável pela parte racional. Sobre essa dualidade se funda o estudo do ser humano racional, afetivo, sensível, apaixonado.

Nosso propósito, neste módulo, é conhecer os hormônios que afetam a condição feminina para que possamos perceber os elementos de comunicação que permitem a manifestação das paixões em uma mulher.

Orientação de estudos

Planejamento

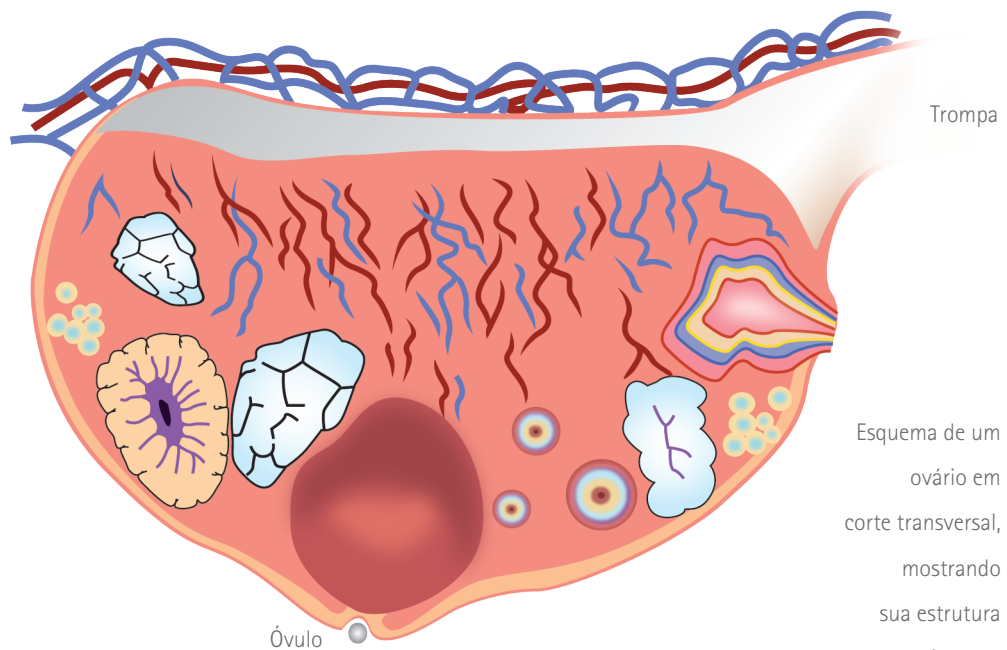
Devemos lembrar que este módulo tem a carga horária de 10 horas, no conjunto de uma disciplina de 30 horas/aula. Nas primeiras horas de trabalho, o aluno deverá ler a apresentação da disciplina e a introdução do módulo, a fim de perceber os objetivos a serem atingidos:

- Examinar a ação dos neuromediadores no campo de estudo da saúde da mulher;
- Perceber as implicações da união de corpo e alma a partir da ação do cérebro hormonal;
- Atentar para o fato de que a humanização no campo da saúde não pode distanciar as ações do corpo das ações da alma.

Para atingir os objetivos propostos, o estudante deverá proceder à leitura do módulo didático. Após a realização dessa reflexão e análise dos textos, solicitamos a participação de todos na conversação planejada para o encontro presencial com o tutor.

Os hormônios e a mulher

Os ciclos menstruais regulares da mulher indicam mensalmente um funcionamento perfeito e harmônico de quatro compartimentos envolvidos: o sistema nervoso central (hipotálamo); a hipófise; os ovários; e finalmente o útero e o canal vaginal. O sistema nervoso central, estimulado por vários neuro-hormônios e principalmente pela queda do estrogênio e da progesterona na fase menstrual, produz o hormônio liberador de gonadotrofinas (GnRH), o qual será transportado até a hipófise e a estimulará a produzir as gonadotrofinas: hormônio folículo estimulante (FSH) e hormônio luteinizante (LH). O FSH atua sobre os folículos ovarianos primários (cerca de mil folículos em cada ciclo), estimulando seu crescimento e desenvolvimento (folículos secundários e terciários), os quais produzirão estrogênio (estradiol). Os níveis crescentes de estradiol reduzem a produção de FSH (feed-back negativo) e assim, no meio do ciclo, o nível elevado de estradiol (chamado “nível ótimo”) faz feed-back positivo, estimulando a hipófise a liberar pico de LH, o qual estimula o folículo principal a ovular.



Após a ovulação, o folículo ovulado se reorganiza, formando o corpo lúteo, que continua produzindo estradiol, além de produzir também progesterona. O estradiol atua sobre o endométrio, camada mais interna do útero, estimulando as glândulas endometriais a proliferarem. Após a ovulação, a progesterona produzida pelo corpo lúteo estimula a secreção das glândulas endometriais, preparando o leito endometrial para abrigar e desenvolver o embrião, no caso de uma gravidez. Caso não ocorra a fecundação, o corpo lúteo entra em processo de atrofia cerca de 12 dias após a ovulação, e assim os níveis de estradiol e progesterona terão importante queda. Isto acarretará a descamação do endométrio (menstruação) em torno de 14 dias após a ovulação e, ao mesmo tempo, a elevação dos níveis de FSH, recomeçando novo ciclo menstrual.

Como se percebe, em todo ciclo menstrual o organismo feminino se prepara para uma possível gravidez. Se ela não ocorre, a mulher menstrua ciclicamente. Caso ocorra a fecundação, na porção ampolar das trompas, a célula-ovo, formada por metade da carga genética feminina e metade da masculina, começa um processo de multiplicação celular, ao mesmo tempo que migra pela trompa até atingir a cavidade uterina e implantar-se no endométrio.

Esse processo, conhecido por nidação, ocorre cerca de 7 dias após a fecundação.

Aproximadamente 24 a 48 horas após a nidação, as células implantadas já iniciam a produção de um hormônio chamado gonadotrofina coriônica humana (hCG), que mantém o corpo lúteo, transformando-o em corpo lúteo gravídico, o qual continua produzindo progesterona em altas doses, e assim mantém a gravidez até que a placenta esteja formada, cerca de 10 semanas após a fecundação.

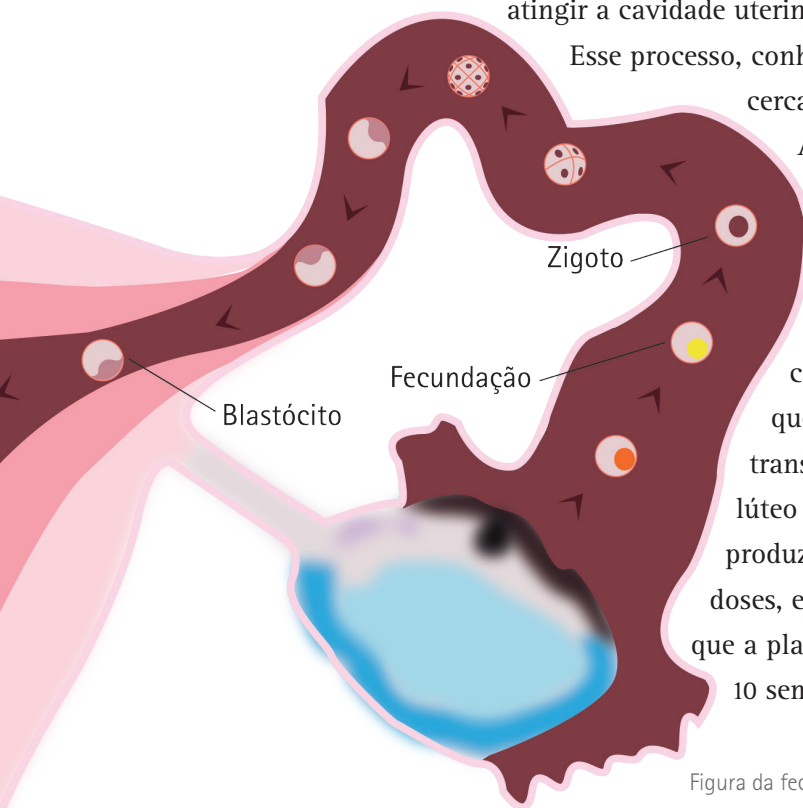


Figura da fecundação e da nidação

Para que ocorram os ciclos menstruais regulares e uma possível gravidez, é necessário que todos os compartimentos envolvidos estejam funcionando corretamente e harmonicamente. Vários fatores podem interferir no funcionamento desses compartimentos. Vamos examinar com mais detalhes a estrutura de cada um dos compartimentos, sua produção hormonal, seu funcionamento, e os fatores que podem interferir nessa regulação hormonal.

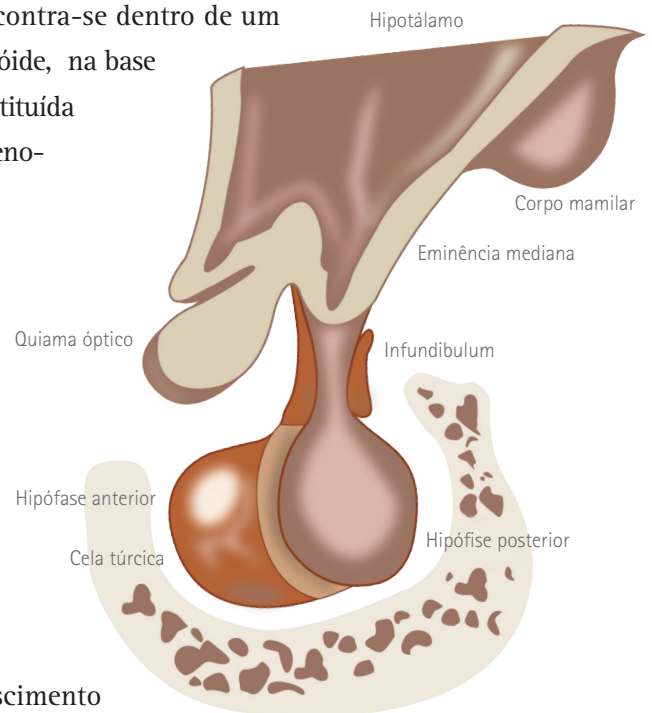
A hipófise e o sistema nervoso central

A hipófise é uma pequena, mas muito importante glândula, que mede cerca de 8 mm no sentido ântero-posterior, 14 mm no transversal e 6 mm no vertical. Encontra-se dentro de um pequeno arcabouço ósseo do osso esfenoide, na base do crânio, chamado “sela túrcica”. É constituída fundamentalmente por duas regiões: adeno-hipófise, ou hipófise anterior, e neuro-hipófise, ou hipófise posterior.

Sob o aspecto histológico, a hipófise anterior (adeno-hipófise) contém cinco diferentes tipos de células epiteliais, que elaboram hormônios distintos. Essas células são classificadas de acordo com os hormônios que sintetizam.

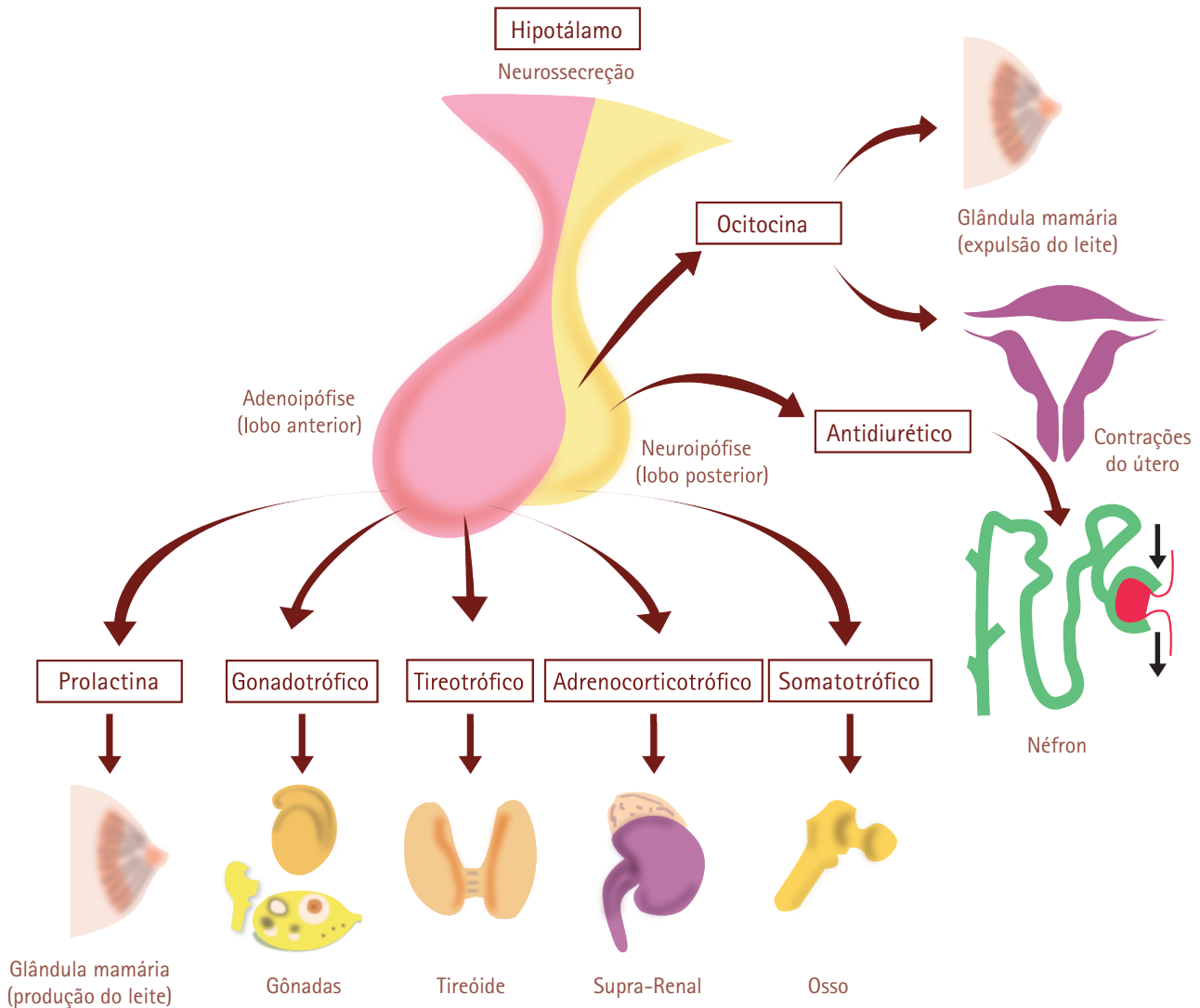
Assim, as células somatotrópicas responsabilizam-se pela formação da somatotrofina ou hormônio do crescimento (GH); as tireotrópicas elaboram a tireotrofina (TSH); as lactotrópicas produzem a prolactina; as corticotrópicas formam o hormônio adrenocorticotrófico (ACTH); as gonadotrópicas sintetizam as gonadotrofinas, ou seja, o hormônio folículo estimulante (FSH) e o hormônio luteinizante (LH).

A hipófise posterior (neuro-hipófise) não secreta hormônios. Apenas armazena os hormônios oxitocina e vasopressina, produzidos no



Localização cerebral da hipófise

hipotálamo, os quais atuam respectivamente na ejeção do leite/ contração uterina e na retenção hídrica (hormônio anti-diurético).



O FSH desempenha importante papel no crescimento dos folículos ovarianos, que produzirão os hormônios (estrogênios e progesterona) e os óvulos. Seus valores plasmáticos dependem da idade e da fase do ciclo menstrual. Nos homens o FSH atua no desenvolvimento e diferenciação dos túbulos seminíferos, que produzirão os espermatozoides.

O LH também apresenta níveis plasmáticos que variam com a idade e as fases do ciclo menstrual. Atua sinergicamente com o FSH no processo de crescimento e maturação folicular, sendo o

grande responsável pela rotura do folículo e liberação do óvulo (ovulação). Junto com o FSH, o LH estimula a produção dos hormônios esteróides (esteroidogênese) nas células do corpo lúteo, estrutura amarelada que se forma nos ovários após a ovulação, pela regeneração do folículo que ovulou. Outra importante função do LH é estimular a porção mais interna dos ovários, chamada estroma ovariano, a produzir 50% dos androgênios da mulher (os outros 50% são produzidos pelas glândulas suprarrenais). No homem, o LH tem a função de estimular a atividade endócrina das células de Leydig, encontradas nos testículos, as quais produzirão a testosterona.

O sistema nervoso central (hipotálamo e outras estruturas) interfere na produção dos hormônios hipofisários, estimulando-os. Exceção ocorre com a prolactina, que, ao contrário, tem sua produção inibida pelo sistema nervoso central. Assim, quando a estrutura vascular (“sistema porta hipofisário”) que liga o hipotálamo à hipófise é seccionada, ocorre evidente aumento da prolactina, pela extinção do efeito inibitório. Ao mesmo tempo, ocorre queda de todos os outros hormônios hipofisários (ACTH, TSH, GH, FSH, LH), pela extinção do efeito estimulatório.

Existe, então, uma inibição crônica exercida pelo hipotálamo sobre a atividade das células lactotrópicas da adeno-hipófise. Admite-se que este importante papel seja efetuado pelo hormônio inibidor da prolactina, outrora chamado “fator inibidor da prolactina” (PIF). Sabe-se hoje que este hormônio é a dopamina. Quanto maior a produção de prolactina, menor será a produção de FSH e LH. Por esse motivo, mulheres que amamentam regularmente podem ficar vários meses sem menstruar e ovular, já que apresentam altos níveis de prolactina circulantes. Alguns medicamentos como pílulas anticoncepcionais de alta dose, anti-depressivos, tranqüilizantes ou anti-convulsivantes podem inibir a ação da dopamina e, em consequência, aumentar os níveis circulantes de prolactina em mulheres não grávidas, podendo acarretar produção de leite (galactorréia) e falta de menstruação (amenorréia) nessas mulheres. O aumento de prolactina em mulheres não grávidas também pode ocorrer por hiperplasia das células galactotrópicas da adeno-hipófise, que, inclusive, podem se organizar sob a forma de pequenos tumores benignos, porém

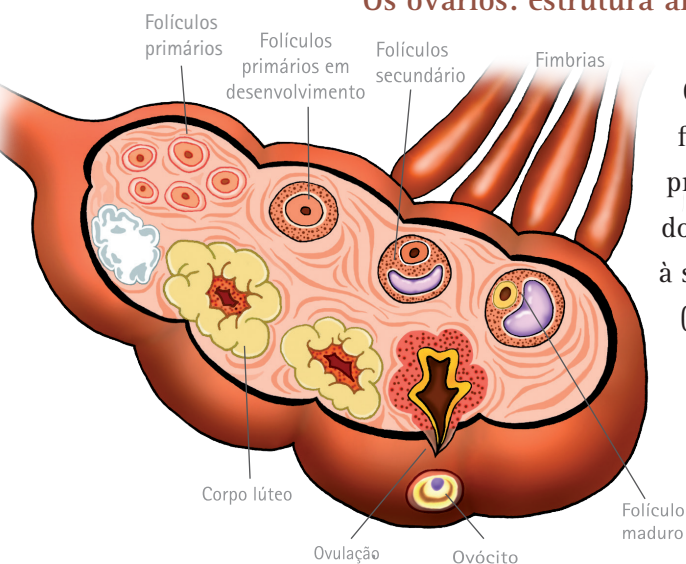
funcionantes, chamados prolactinomas. Este aumento da prolactina pode acarretar irregularidades menstruais, falta de menstruação (amenorréia), queda da libido, depressão, cefaléia, dificuldade para engravidar, por queda dos níveis de FSH e LH.

“ Intuitivamente, as mulheres conhecem a importância dos ovários e da menstruação para a natureza feminina. Algumas conseguem identificar também os efeitos dos hormônios femininos sobre o seu humor, enquanto outras sofrem muito com a tensão pré-menstrual (TPM). Essa questão, que afeta de forma marcante o cotidiano da mulher contemporânea, foi abordada de forma bem humorada numa composição de Rita Lee e Roberto de Carvalho:

Mulher é bicho esquisito/ Todo mês sangra	Por isso não provoque
Um sexto sentido/ Maior que a razão	É Cor de Rosa Choque
Gata borralheira/ Você é princesa	Oh! Oh! / Não provoque!
Dondoca é uma espécie/ Em extinção...	É Cor de Rosa Choque ”

A seguir vamos conhecer do ponto de vista científico esses órgãos tão importantes para a fisiologia feminina.

Os ovários: estrutura anatômica e fisiologia



Os ovários têm, por excelência, duas funções que se inter-relacionam. A primeira refere-se à produção e liberação dos gametas (gametogênese) e a segunda, à síntese dos hormônios esteróides (esteroidogênese). As duas funções são gonadotrofina-dependentes e garantem, em parte, a capacidade de reprodução.

Como se dá, então, o processo reprodutivo?

Gametogênese

Os gametas femininos (os oócitos) possuem um tipo único de cromossoma sexual (x), enquanto os masculinos são de dois tipos diferentes (x ou y). Assim, ao se unirem oócitos e gametas masculinos na fertilização, reconstitui-se o número global de 44 cromossomas, com combinações do tipo xx ou xy.

Os oócitos originam-se de células provenientes do endoderma da parede do saco vitelino (células germinativas ou gonócitos). Os gonócitos, ao final da terceira semana da fecundação migram rumo às gônadas em desenvolvimento, onde chegam entre o final da quarta e início da quinta semana. O número de oócitos e, portanto, de folículos, é da ordem de 100 mil na sexta semana, de 600 mil na oitava e de 7 milhões na vigésima semana, multiplicação esta decorrente das mitoses.

Por ocasião do nascimento, os ovários contêm, aproximadamente, de 1 milhão a 2 milhões de folículos. Esta redução começa a partir da vigésima semana e é mais pronunciada a partir da vigésima oitava semana de gestação, quando se observam diferentes graus de desenvolvimento e de atresia folicular, às custas provavelmente da ação da gonadotrofina coriônica. A atresia, isto é, a regressão e desaparecimento dos folículos, é um fenômeno importante, embora ainda de natureza não de todo conhecida. Nos anos subsequentes ao nascimento, os oócitos vão sofrendo atresia e detectam-se apenas cerca de 300 mil a 400 mil no início da puberdade.

Da puberdade à menopausa

No início da puberdade, sob a influência das gonadotrofinas (principalmente FSH), ocorre desenvolvimento progressivo de folículos ovarianos até acontecer a primeira menstruação (menarca) e a seguir desencadeiam-se os primeiros ciclos ovarianos. Estes se repetem até chegar à menopausa (última menstruação) e duram, classicamente,

um período médio de 28 dias. Os ciclos menstruais logo após a menarca e antes da menopausa são, com frequência, anovulatórios, (isto é, sem ovulação). Para cada folículo que atinge a postura ovular, cerca de mil terão algum crescimento e, depois, atresia.

O desenvolvimento dos folículos começa ao final da fase lútea do ciclo precedente e termina com o pico de gonadotrofinas (principalmente LH) no meio do ciclo. Com a regressão do corpo lúteo, cerca de um dia antes da menstruação, ocorre aumento dos níveis de FSH e instala-se uma sequência ordenada de eventos, os quais levam à maturação do folículo e postura ovular, fenômeno que acontece de forma contínua por aproximadamente 30 anos.

O climatério representa a fase de transição que se inicia no final do período reprodutivo e se estende até a senilidade. É considerado um período de crise pelas inúmeras transformações que nele ocorrem. A menopausa representa a última menstruação, sendo, portanto, um evento que ocorre no climatério. É o último fluxo menstrual, considerado após 12 meses de amenorréia. A menopausa ocorre em torno dos 50 anos, com ampla variação entre 35 e 59 anos. Diz-se ser prematura quando se instala antes dos 40 anos, e tardia, após os 52 anos.

O evento mais importante no climatério é a falência ovariana. Nessa fase os ovários contêm poucos folículos primordiais, os quais respondem pobremente ou não respondem ao estímulo gonadotrófico (FSH). Esta redução da função ovariana associa-se à parada da ovulação e ao declínio da produção de estrogênios e androgênios. Enquanto para algumas mulheres o final da vida reprodutiva representa a perda de sua função maior, tornando-as tristes e solitárias, para outras significa a libertação dos incômodos mensais e da gravidez indesejada, ou seja, um momento de crescimento e oportunidade para novos papéis na sociedade.

Alguns estudos demonstraram que o climatério nem sempre foi ou é considerado uma fase negativa. Em especial nos países subdesenvolvidos, inúmeras mulheres podem não relatar qualquer sintoma nesse período e, portanto, o climatério seria considerado como algo positivo.

Várias são as alterações que a deficiência hormonal pode ocasionar à mulher, tanto ginecológicas quanto extraginecológicas. Dentre as primeiras, sobressaem as disfunções do ciclo menstrual e a atrofia urogenital. Em resposta ao hipoestrogenismo, o aparelho genital sofre inúmeras modificações atróficas, que aparecem, em geral, 5 a 10 anos após a menopausa, as quais podem se relacionar com as disfunções sexuais que ocorrem no climatério.

No grupo das alterações extraginecológicas, destacam-se os sintomas vasomotores (fogachos, sudorese, insônia) e neuropsíquicos (irritabilidade, angústia, depressão, choro fácil, pânico). Os estrogênios atuam melhorando o perfil lipídico, mantendo a distribuição feminina da gordura e têm ação vasodilatadora; o hipoestrogenismo está relacionado com aumento da mortalidade por doença cardiovascular. Cerca de 30% das mulheres sem terapia hormonal (TH) desenvolvem osteoporose após a menopausa e vários estudos demonstram a eficácia da TH na prevenção da osteoporose. Ocorre importante atrofia do colágeno da pele após a menopausa.

As queixas sexuais são, com frequência, relatadas na peri e pós-menopausa. As mais frequentes são: diminuição do desejo sexual (libido), anorgasmia (falta de orgasmo) e dor na relação sexual (dispareunia). As alterações do comportamento sexual após a menopausa são complexas e estão relacionadas com a interação de vários fatores físicos e psicológicos, tais como diminuição da sensação de bem-estar e instabilidade afetiva, além de fatores sócio-culturais. Para Sarrel (1990), cerca de 86,5% das mulheres na pós-menopausa apresentam queixas sexuais, das quais 45% referem-se à alteração da libido, 36% a dificuldades para excitação e 50% a dispareunia.

A terapia hormonal (TH) com estrogênios isolados ou associados à progesterona é eficaz para aliviar a maioria dos sintomas genitais e extragenitais citados acima. Uma tríade clínica de sintomas constituída por cansaço exagerado (queda da energia), humor depressivo e queda da libido, conhecida por “insuficiência androgênica feminina”, somente teve melhora com reposição de androgênios (testosterona) associados aos estrogênios, conforme pesquisa realizada no Ambulatório de Climatério do HUCAM entre 1999 e 2000.

“ Durante o climatério, o corpo das mulheres passa por mudanças significativas, sobretudo no que se relaciona ao aspecto endócrino. É possível estabelecer alguma relação entre as modificações corporais e os aspectos subjetivos que as mulheres enfrentam durante este período? ”

Hormoniologia da gravidez

Com a fecundação e formação do ovo, inicia-se o período gestacional, que requer várias modificações no organismo materno para sua adequada adaptação. Tal adaptação é exigida em virtude da interação existente entre os compartimentos materno e fetal.

A placenta, órgão de origem fetal, tem função de garantir a nutrição e o desenvolvimento do feto e tem também função endócrina, porém é órgão incompleto na produção de hormônios, necessitando de precursores maternos e fetais. Esse processo de produção hormonal com os três compartimentos – o materno, o placentário e o fetal – é conhecido como “unidade materno-feto-placentária”. placenta, então, cresce em complexidade como órgão endócrino, participando da síntese de diversos hormônios proteicos e esteróides, alguns ainda com funções não bem definidas. São hormônios placentários os seguintes:

Hormônios Glicoproteicos: Gonadotrofina coriônica (hCG)

Tirotrófina coriônica

FSH coriônico

Hormônios de Crescimento: Lactogênio placentário(hPL)

Somatotrofina coriônica

Hormônio Adrenocorticotrófico: ACTH coriônico

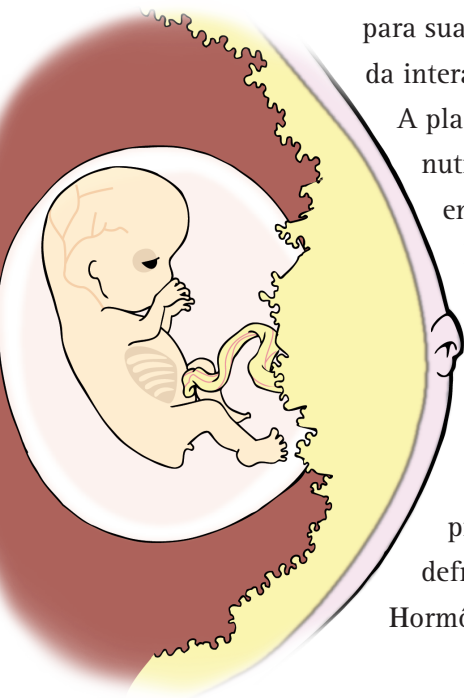
Hormônios Esteróides Sexuais: Progesterona

Estrogênios

Androgênios

Outros Hormônios: Prolactina, Relaxina, Beta endorfina, GnRH,

Somatostatina, TSH, Inibina.



“ Para que a mulher tenha uma gestação saudável, é indispensável que haja equilíbrio na relação materno-feto-placentária. Quais são os meios fisiológicos necessários para manter esse equilíbrio? Qual a importância afetiva/ subjetiva e corporal da paixão/desejo para a manutenção do embrião e o desenvolvimento da gravidez? ”

Antes de prosseguir nossa exposição relativa à concepção, torna-se necessário tecer considerações sobre os quatro hormônios que contribuem para a sua efetivação. São eles: hCG, hPL, progesterona e estrogênios.

1. GONADOTROFINA CORIÔNICA HUMANA (HCG)

Este hormônio é uma glicoproteína de baixo peso molecular, produzida no sinciciotrofoblasto, que tem analogia em suas propriedades químicas e biológicas com o hormônio luteinizante (LH). É constituído de duas subunidades denominadas alfa e beta. A unidade alfa é comum a todos os hormônios glicoproteicos (LH, FSH, TSH) e a unidade beta é a que confere especificidade biológica e imunológica ao hCG.

A síntese de hCG inicia-se logo após a nidação, estando já presente no soro materno entre sete e nove dias após a fecundação. A secreção da subunidade beta eleva-se rapidamente, com o fenômeno apical, ocorrendo por volta da 10ª semana (50mil a 100mil UI/ml), e níveis mais baixos a partir das 18 semanas até o final da gestação.

São funções do hCG:

- Manter o corpo lúteo durante as primeiras 6 a 8 semanas da fecundação, antes que a unidade feto-placentária passe a produzir os hormônios esteróides.
- Atuar junto aos fatores que impedem a rejeição imunológica do embrião.
- Estimular a produção de testosterona pelo feto masculino, que é essencial para a normal diferenciação dos órgãos genitais externos masculinos.

- ◆ Estimular a produção de dehidroepiandrosterona pela suprarrenal fetal, a qual é precursora dos estrogênios.

A valorização do teor deste hormônio no sangue materno tem sido particularmente útil para o diagnóstico laboratorial da gravidez e para seguir a evolução clínica de pacientes com ameaça de abortamento.

2. HORMÔNIO LACTOGÊNIO PLACENTÁRIO (HPL)

É um polipeptídeo produzido pela placenta com propriedades análogas químicas e biológicas com o hormônio do crescimento e a prolactina humana. Muito pouco se sabe sobre o que regularia sua síntese e sua secreção. É encontrado, sobretudo, no compartimento materno, sendo mínimos os teores no feto. Os níveis desse hormônio no sangue periférico sobem gradativamente até a 38ª semana de gestação. Existe estreita correlação entre o peso da placenta e os níveis de HPL. Sua dosagem era usada para rastrear patologias obstétricas, que causam sofrimento fetal e baixo peso da placenta, como a hipertensão arterial na gestante. Porém esse método foi substituído por outros mais precisos e confiáveis, como o perfil biofísico fetal, a cardiotocografia basal e o doppler fetal.

O HPL é um hormônio hiperglicemiante. Teria as seguintes funções: diminuição do consumo de glicose; gliconeogênese; lipólise e aumento dos ácidos graxos livres. Tem ação anti-insulina, aumentando os níveis de glicose maternos, favorecendo a síntese proteica e assegurando maior mobilização de aminoácidos para o feto. Tem propriedades somatotróficas limitadas e, provavelmente em conjunto com a prolactina, deve ter importância no desenvolvimento mamário.

3. PROGESTERONA

Os precursores para a produção de progesterona pela placenta são obtidos a partir da corrente sanguínea materna (cooperação placenta-mãe). No corpo lúteo materno (até a 10ª semana de gravidez) e, posteriormente, na placenta, ocorre a conversão de colesterol em progesterona.

Os efeitos essenciais da progesterona, ainda não totalmente conhecidos, poderiam ser resumidos da seguinte maneira:

- ◆ Possui papel importante na implantação do ovo, permitindo a expansão do blastocisto, ao diminuir a condutividade do músculo uterino.
- ◆ Poderia ter papel relevante para suprimir a resposta imunológica materna aos antígenos fetais.
- ◆ Bloqueio da atividade contrátil da musculatura uterina.
- ◆ Principal substrato para a produção de glicocorticóide pela suprarrenal fetal.
- ◆ A progesterona é considerada o “hormônio da gravidez”. Em países onde o abortamento é legalizado, uma das maneiras de induzir o abortamento é utilizar um produto que inibe a ação da progesterona nos receptores; em poucos dias ocorre a interrupção da gravidez.

“ Se a progesterona é o hormônio que mantém a gravidez, causando relaxamento da musculatura uterina por bloqueio da onda contrátil, como ocorre o Trabalho de Parto? ”

O trabalho de parto

O último dos hormônios acima citados – estrogênios – será apresentado nesta seção.

Nos últimos meses da gravidez, ocorre aumento da contratilidade uterina devido à distensão progressiva da cavidade uterina e incremento da produção uterina de prostaglandina, substância que contrai o útero. Enquanto a progesterona é produzida pela placenta em níveis adequados, é capaz de relaxar o útero e manter a gravidez. Porém a placenta sofre processo de “envelhecimento” ao final da gravidez, com áreas de calcificação e necrose em sua superfície, reduzindo sua produção de progesterona. Com a queda dos níveis de progesterona, as forças contráteis superam o relaxamento uterino, surgindo então as contrações dolorosas e rítmicas que caracterizam o Trabalho de Parto.

4. ESTROGÊNIOS

O hormônio conhecido como estrogênio na verdade agrupa variados tipos, dos quais três deles são mais importantes no período gestacional, a saber: estradiol, estrona e estriol. Em relação à síntese desses hormônios, devem-se observar duas fases distintas. Na gestação inicial, o corpo lúteo é a maior fonte hormonal, principalmente de estradiol. Na gestação após 10 semanas, o estriol representa mais de 90% dos estrogênios circulantes, sintetizados pela placenta a partir de precursores androgênicos fetais.

O estriol conta, para sua formação, com a participação dos três compartimentos – o fetal (suprarrenais e fígado), o materno (fígado) e a placenta. Portanto a síntese do estriol é bem representativa do conceito de “unidade materno-feto-placentária”.

Pouco se sabe sobre o real significado da síntese do estriol para o desenvolvimento do feto. Porém dosagens seriadas desse hormônio eram utilizadas para diagnóstico do sofrimento fetal. A exemplo do que aconteceu com o HPL, as dosagens hormonais seriadas para diagnóstico do sofrimento fetal foram substituídas por métodos mais modernos e precisos.



Para refletir

Pense na postura inicial do corpo frente ao embrião, que ele encara como organismo estranho e se prepara para combater. Qual é o papel do hCG e da progesterona na manutenção do embrião? Será que essa rejeição inicial limita-se apenas à questão corporal? É possível relacionar a atitude do corpo com as demandas afetivas da mulher frente a uma gestação?

Hormoniologia no puerpério

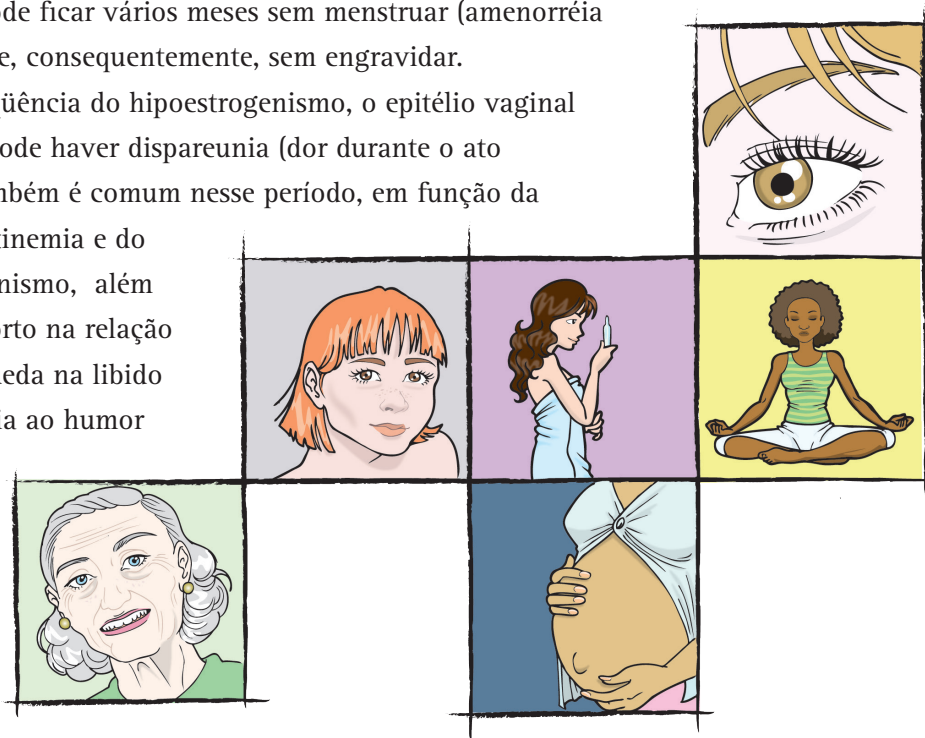
Na definição do dicionário Houaiss de língua portuguesa, entende-se por puerpério o período que decorre desde o parto até que os órgãos genitais e o estado geral da mulher voltem às condições

anteriores à gestação. Tal período pode ser mais ou menos extenso e está estreitamente relacionado à circulação hormonal no organismo da mulher. Nesse sentido, o puerpério é classificado como: imediato, quando ocorre nos primeiros 10 dias após o parto; tardio, quando se dá do 10º ao 45º dia após o parto; e remoto, após 45 dias do parto.

Durante a gravidez a hipófise produz quantidade aumentada de prolactina, que desenvolve e prepara as mamas para a amamentação. Não ocorre a produção do leite por inibição dos estrogênios circulantes. Com a retirada da placenta após o parto, há uma queda abrupta dos níveis de estrogênio e progesterona e, com estímulo da sucção, as mamas passam a produzir o leite materno de 48 a 72 horas após o parto. O início da produção é conhecido como “queda do leite” ou apojadura.

O estado hormonal no puerpério está na dependência da amamentação. Quando não ocorre a amamentação, a mulher menstrua no intervalo de 30 a 60 dias do parto e depois volta a ter ciclos regulares, correndo o risco de engravidar novamente, caso não utilize método contraceptivo. Quando a amamentação é regular e único alimento do recém-nato, existem níveis elevados de prolactina circulante, que atuarão no hipotálamo, na hipófise e nos ovários, inibindo a produção de estrogênios. Nessa situação a mulher pode ficar vários meses sem menstruar (amenorréia fisiológica) e, conseqüentemente, sem engravidar.

Em conseqüência do hipoestrogenismo, o epitélio vaginal afina-se e pode haver dispareunia (dor durante o ato sexual). Também é comum nesse período, em função da hiperprolactinemia e do hipoestrogenismo, além do desconforto na relação sexual, a queda na libido e a tendência ao humor depressivo.



Podemos então afirmar que uma criança do sexo feminino já nasce com cerca de 1 a 2 milhões de folículos ovarianos primários, e que no início da adolescência ela terá 400 a 500 mil folículos. Estes folículos se desenvolverão ciclicamente, estimulados pelo sistema hipotálamo/hipófise, produzirão hormônios que atuarão em todo o corpo da adolescente, desenvolvendo suas características sexuais femininas, sua personalidade, suas emoções e paixões. Isto tem continuidade na fase adulta, com as emoções sendo complementadas pelas experiências vividas. Quando a mulher engravida, a placenta assume o comando da produção hormonal, para oxigenar e nutrir o feto, e os hormônios placentários também influenciam intensamente o emocional da gestante. Na amamentação ocorre a satisfação e prazer pelo ato de amamentar o filho, mas existe a desvantagem hormonal, já que a prolactina elevada inibe a produção estrogênica ovariana, o que pode gerar alterações importantes nos sentimentos da puérpera. Por fim ocorre o climatério, quando se observa a redução progressiva da produção hormonal ovariana, que pode acarretar em um grupo elevado de mulheres (60 a 70%) alterações orgânicas e psicológicas que afetam sua qualidade de vida.

“ O fim da gestação, a experiência do parto e chegada do bebê podem desencadear grandes transformações na vida da mulher puérpera. Pense na relação entre o sistema endócrino (produção de hormônios) e os aspectos afetivos e tente associar os aspectos hormonais (sobretudo estrogênio) à depressão pós-parto. ”

Alguns Casos Clínicos para análise

1º Caso:

Paciente de 38 anos, professora, casada há 8 anos, em uso de anticoncepcional oral (ACO) há 10 anos, resolveu interromper uso do ACO para tentar engravidar pela primeira vez, tendo realizado o sonho de aquisição de seu apartamento próprio. Após deixar de usar o ACO, percebeu atraso menstrual, ondas de calor no tórax, pescoço e cabeça, seguidas de sudorese fria e desconforto na relação sexual por ressecamento vaginal. Seu ginecologista solicitou dosagem de hormônio folículo estimulante (FSH), que apresentou um resultado de 97mUI/ml (N: < 23) e uma ultrassonografia endovaginal, que revelou útero homogêneo de 44 cm³, endométrio de 3 mm, OD de 1,1 cm³ e OE de 1,2 cm³ (tamanho normal dos ovários: de 3 a 9 cm³). Seu médico confirmou então a hipótese clínica de Menopausa Precoce, o que a deixou muito triste, pois não poderia mais engravidar naturalmente. Foi prescrita, então, a terapia hormonal.

2º Caso:

Paciente de 29 anos, bancária, com história de tratamento para depressão dos 20 aos 26 anos, teve primeiro parto (cesariana) há 2 meses, sem intercorrências. Não tem empregada doméstica, e estava se sentindo muito cansada e estressada por ter que amamentar com intervalos de 2 a 3 horas nas 24 horas do dia, ter todos os cuidados com o filho e ainda arrumar a casa e cozinhar. Estava muito triste e solitária, pois seu marido sai de casa pela manhã para o trabalho e só volta à noite. Certo dia, ao chegar

a casa, o marido encontrou-a deitada no sofá da sala, chorando, com olhar fixo no teto, sem querer conversar com ele. O filho encontrava-se no quarto do casal, chorando desesperadamente. O marido perguntou à esposa quando tinha sido a última amamentação, e ela respondeu que tinha sido há cerca de 6 horas. Na manhã seguinte o marido levou a esposa, ainda chorosa e com olhar fixo no horizonte, para consultar-se com um psiquiatra. Foi feita, então, a hipótese diagnóstica de depressão pós-parto.

3º Caso:

Paciente de 40 anos, médica, procurou um tratamento psicanalítico por estar com sinais de transtorno de pânico depois de uma tentativa de gestação por fertilização in vitro (FIV). Assim que a possível gestação foi descartada, a paciente se sentiu aliviada; todo o pânico se dissipou, pois ela tinha medo de morrer na gestação. Depois de um ano de tratamento psicanalítico, ela continuava sentido ansiedade associada a mal-estar físico. Foi indicação da psicanalista que procurasse um ginecologista para efetuar uma dosagem hormonal. O ginecologista indicou o uso de estrogênio associado à testosterona e a paciente se sentiu muito melhor fisicamente, desaparecendo os sinais de ansiedade. Desse modo, a paciente teve melhores condições de encaminhar suas questões subjetivas no tratamento psicanalítico.

LEITURAS RECOMENDADAS

RODRIGUES de LIMA & BARACAT, R. Ginecologia Endócrina. São Paulo: Atheneu, 1995.

MACHADO, L. V. Endocrinologia Ginecológica. Rio de Janeiro: Med Book – Editora Científica Ltda., 2ª edição, 2006.

MAMERI FILHO, J. “Efeitos da Associação Estro-Androgênica sobre a Qualidade de Vida e a Sexualidade no Climatério” – tese de doutorado, UNIFESP, Escola Paulista de Medicina, 2002.

MONTENEGRO, REZENDE FILHO - Obstetrícia Fundamental , 11ª edição, 2007.

VINCENT, J. D. Biologie des passions. Paris: Odile Jacob, 2002.

AVALIAÇÃO

Leitura e conversação

Leitura do texto do módulo e discussão dos casos clínicos apresentados.

Conclusão

Quem ainda acredita na alma? A idéia segundo a qual existe uma entidade separada do corpo, sublime e imortal, nos parece fora de moda. Os progressos da ciência e da medicina e a sociedade de consumação viram triunfar o corpo. Cuidado, mantido, desvelado, desejado, glorificado, ele ocupa, desde então, todo o espaço. Entretanto, temos dificuldade de aceitar, junto com as neurociências, que nossos sonhos, nossas emoções, nossos pensamentos não são nada além de conexões sinápticas e de hormônios. Então, o que fazer? Desvencilhar-nos dos últimos vestígios da nossa crença na alma? Ou repensar a aliança do corpo e do espírito à luz das descobertas do século xx?

Desde a antiguidade clássica, o corpo, convulsionado pela dor, pelas doenças e pela mortalidade precoce, era percebido como a face obscura e ameaçadora de nós mesmos. As paixões e afetos, produtos do corpo, eram percebidos como uma ameaça, diferentemente dos modernos sentimentos que nos colocam em contato com a nossa parte mais íntima. O eu passa a ser fundado sob o domínio que a alma adquire no colóquio racional consigo mesma ou com Deus. De Platão a Descartes, passando pelos Padres da Igreja, a alma era a parte divina do pensamento no homem, contato imaterial de si mesmo, que permitia retirar da matéria suas condições funestas.

Depois disso uma reversão sem precedentes foi operada. O corpo tornou-se nossa grande razão. E a alma, mesmo não desaparecendo, foi reencarnada. A metamorfose contemporânea do corpo é frequentemente apresentada como a consagração do corpo da ciência e da medicina moderna – um corpo objetivado, prometido a uma longevidade cada vez maior, totalmente reduzido a uma espécie de máquina a concluir performances. A objetivação científica, dissipando os mistérios e as angústias ligadas ao corpo natural, permitiu a idéia do corpo objeto.

Foi Descartes quem fundou o dualismo moderno da separação entre corpo e alma, no qual a alma é uma coisa una, pensante e indivisível e o corpo é uma máquina divisível e regulada mecanicamente. Resta um enigma que Descartes não cessou de sondar: a união, em cada um de nós, de corpo e alma. Se essas duas substâncias são incomensuráveis, como elas podem coexistir no homem? Como a alma pode agir sobre uma entidade com a qual ela não tem nada em comum? Para Descartes, importa pouco se a nossa inteligência limitada tenha dificuldades de conceber o fenômeno. Mas nós dispomos de um meio de provar nossa experiência íntima e constante dessa união – quando tenho vontade de andar, meus membros se dispõem espontaneamente. Um corpo sozinho não prova nada. Ele não tem consciência da dor. Se me machuco, eu sinto dor. É uma prova de que o corpo e o espírito são indissociavelmente ligados. A união do corpo e da alma é uma evidência.

Para Descartes, o homem é uma realidade específica e não a superposição de uma alma e de um corpo. O homem é a unidade que se apresenta sob duas faces: uma pela qual ele prova que pensa, que quer, e uma outra pela qual ele é afetado por aquilo que lhe chega de outras fontes além de seu pensamento. Hoje somos confrontados com uma despersonalização dos corpos. Quando meu corpo se torna um objeto de estudo da medicina, não se trata mais do meu corpo, mas de um corpo qualquer, idêntico, por seu funcionamento, a milhares de outros.

Pode-se perguntar se algum pensador chega a sustentar seriamente hoje em dia que a alma é uma substância autônoma e eterna. A afirmativa dessa questão pode significar que só existe o corpo e que toda nossa vida emocional lhe seja redutível. Para inúmeros cientistas, tal afirmação não suscita nenhuma dúvida. Contudo muitos filósofos, e mesmo alguns cientistas, recusam o discurso reducionista segundo o qual nossa vida psíquica é apenas

uma questão de conexões sinápticas e hormonais, pois elas não chegam a restituir a riqueza de nosso vivido. Há espaço para outras descrições diferentes daquelas propostas pelos neurocientistas reducionistas, as quais não se opõem aos avanços da ciência. O neurobiólogo Jean-Didier Vincent, por exemplo, pensa a questão de maneira não reducionista. No seu entender, não basta substituir uma máquina por uma poção mágica de hormônios circulantes no corpo e pensar que basta uma alteração hormonal para modificar todo o comportamento do sujeito. As injeções de hormônios variam seus efeitos de acordo com a situação em que se encontra o sujeito. Para ele, a subjetividade se manifesta no espaço corporal, extracorporal e temporal. Nesse sentido, Vincent se apresenta muito mais no contexto da corrente pluralista, que aceita as explicações biológicas para a vida psíquica, mas pretende que essa concepção seja completada.

Uma das descrições que complementam a descrição científica é a psicanalítica que, quanto ao corpo, inclui, além do conceito biológico, o conceito de gozo. Nesse sentido, o psicanalista Jacques Lacan, em seu texto “O lugar da psicanálise na medicina”, comenta que, seguindo o discurso da ciência, o lugar do médico passa a ser o de oferecer uma resposta à demanda do paciente, além de trabalhar o estatuto do corpo. Segundo Lacan, o que é banido do corpo pela ciência retorna como sintoma, pois, no corpo que o paciente oferece ao médico como objeto de investigação, coexistem prazer e dor. Justamente por ignorar a dimensão do desejo presente na demanda e o gozo manifestado no corpo, a cura é inacessível à ação terapêutica da medicina moderna. Quanto mais o médico responde à demanda do paciente com os objetos que a tecnologia científica coloca a sua disposição, mais sintomas aparecem.

Para Lacan, na consulta ao médico não é apenas a cura que o paciente espera. Na verdade, ele põe o médico à prova de tirá-lo de sua condição de doente. É na medida em que o médico se

propõe a responder a esse pedido objetivamente, com a rapidez e precisão esperada, que alguma coisa fica fora do campo do que pode ser passível de transformação pela ação terapêutica. Ao ignorar a dimensão do desejo que a demanda veicula, o médico está condenado a ficar apenas com o corpo-máquina, cadáver, sobre o qual só se pode agir como mecânico. Somente um corpo morto pode ser previsto, controlado e responder aos protocolos de pesquisa, aos programas preventivos, educativos etc. O corpo habitado pelo gozo atrapalha o cientista. Algo que não pode ser computado nas pesquisas, que não pode ser ouvido, retorna atrapalhando o resultado esperado.

A psicanálise encontra um campo fértil para suas pesquisas e intervenções junto à medicina. Do mesmo modo, a medicina pode se beneficiar ao associar-se ao trabalho de psicanalistas. Lacan precisa muito bem o lugar da psicanálise na medicina: um lugar marginal, pois a medicina considera a psicanálise uma espécie de terapêutica auxiliar e exterior. E extraterritorial, porque, segundo Lacan, os próprios analistas parecem ter suas razões para se manterem assim. De todo modo, essa extraterritorialidade é necessária para fazer advir o sujeito do inconsciente.

Claudia Murta

Claudia Murta

Nasceu em Vitória, ES. Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (1989), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1992), mestrado em Lieux et Transformations de la Philosophie pela Université de Paris VIII (1993), doutorado em Lieux et Transformations de la Philosophie pela Université de Paris VIII (1997), especialização em Educação a Distância UFES/UFMT (2001). Atualmente é professora adjunta do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo (Graduação e Mestrado). Coordenadora de pesquisa da Secretaria de Ensino a Distância da UFES. Tem experiência na área de Filosofia e na área de Psicanálise. No campo da EAD, publicou o livro Dimensões da humanização: filosofia, psicanálise, medicina”, em 2005, pela EDUFES; “Metodologia EAD” em 2008, “Filosofia da Ciência” e “Humanização, Vida e Morte” em 2009.



ISBN 978-85-89858-68-7



www.neaad.ufes.br
(27) 4009 2208

